

SILVEIRA, Laura Ribeiro. *O retrato de Catilina em Salústio*.  
Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Letras. 2003. 70f.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus (orientador) (UFRJ)

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Montenegro Vieira

---

Prof. Dr. Antônio da Silveira Mendonça (USP)

---

Profa. Dr. Ana Thereza Vieira (UFRJ) - SUPLENTE

---

Profa. Dra. Neiva Ferreira Pinto (UFJF) - SUPLENTE

---

Examinada a dissertação:

Conceito:

Em

O retrato de Catilina em Salústio

Por

LAURA RIBEIRO DA SILVEIRA  
Mestrado em letras clássicas

Dissertação de Mestrado em Culturas  
da Antiguidade Clássica, apresentada  
à coordenação dos programas de Pós-  
graduação em Letras da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro.  
Orientador: Dr. Carlos Antônio Kalil Tannus.

Rio de Janeiro, 1º. semestre de 2003.  
UFRJ

## AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente na concretização de uma dissertação de mestrado, que um agradecimento individual seria impossível no momento. Agradeço, então, de uma forma geral a todos aqueles que contribuíram para a realização deste estudo e, em especial, a meus pais, Sérgio e Regina, pelo incentivo, ao meu irmão, Hugo, pelo constante apoio, ao amigo Glauber, pela presença e paciência, aos professores de graduação da UFJF, Beatriz Gomes Guerra (*in memoriam*), Maria Luiza Kopschitz Bastos e Mário Roberto Lobuglio Zágari, que me introduziram nos estudos clássicos, aos professores do mestrado da UFRJ, de quem fui aluna e tornei-me amiga, Alice Cunha, Ana Thereza Vieira, Henrique Cairus, Nely Maria Pessanha e Carlos Antônio Kalil Tannus, meu orientador, aos professores das disciplinas cursadas no mestrado em Letras da UFJF, Fernando Fábio Fiorese Furtado, Neusa Salim Miranda e Helena Martins, pela disponibilidade e compreensão, aos professores da Banca Examinadora, pela gentileza de terem aceito o convite, e aos colegas de mestrado, pela solidariedade nas pesquisas.

À memória de  
Joaquim Lobo da Silveira e  
Modesto Morais Ribeiro

*"Nullum magnum ingenium sine mixtura dementiae fuit"*

Sêneca

*"Verba uolant, scripta manent"*

provérbio medieval

*"The value of an idea has nothing whatsoever to do with  
the sincerity of the man who expresses it."*

Oscar Wilde

*"The true mystery of the world is the visible, not the  
invisible."*

Oscar Wilde

*"O fato é um aspecto secundário da realidade."*

Mário Quintana

*"Parece que só na vida é que há ficção."*

Mário Quintana

*"Notre Histoire est noble et tragique*

*Comme le masque d'un tyran."*

Guillaume Apollinaire

*"Et, quand l'illusion disparaît, c'est-à-dire quand nous  
voyons l'être ou le fait tel qu'il existe en dehors de nous,  
nous éprouvons un bizarre sentiment, compliqué moitié de  
regret pour le fantôme disparu, moitié de surprise agréable  
devant la nouveauté, devant le fait réel."*

Charles Baudelaire

## SINOPSE

O retrato de Lúcio Sérgio Catilina, como protagonista de Salústio no *De coniuratione Catilinae*, com as principais características do personagem, no contexto da crise da república romana.

## SUMÁRIO

	Página:
1. INTRODUÇÃO.....	08
2. O CONTEXTO.....	12
2.1 SALÚSTIO.....	12
2.2 O TEMA.....	16
2.3 A LITERATURA EM ROMA.....	18
2.4 A HISTÓRIA.....	20
2.5 A POLÍTICA.....	25
3. O RETRATO.....	33
3.1 CATILINA NA HISTÓRIA.....	33
3.2 CATILINA AOS OLHOS DE SEUS CONTEMPORÂNEOS.....	39
3.3 CATILINA PROTAGONISTA EM SALÚSTIO.....	46
3.4 CATILINA PELOS SEUS DISCURSOS .....	56
3.5 O RETRATO ENFIM.....	67
4. CONCLUSÃO.....	72
5. BIBLIOGRAFIA.....	75

## 1. INTRODUÇÃO

Partindo da hipótese de que não existe herói nem vilão cujo caráter seja exclusivamente bom ou mau, mas sim de que o ser humano desenvolve sua personalidade a partir de sua formação como indivíduo, do meio que habita ou frequenta e de suas atitudes, e de que literatura é ficção em maior ou menor grau, proponho a construção do retrato de Lúcio Sérgio Catilina.

Personagem importante da história romana da época republicana, contemporâneo de César e Cícero, dentre outros, Lúcio Sérgio Catilina, ou, simplesmente, Catilina, é o objeto deste estudo, figura conhecida ao longo desses dois mil anos de história, sobretudo por sua tentativa frustrada de tomar o poder em Roma após as eleições de 63 a.C., das quais saíra derrotado por Cícero.

Essa espécie de revolução de cunho golpista ficou conhecida como conjuração de Catilina e não esteve restrita a Roma, mas congregou partidários de grande parte da Itália. Desbaratada por Cícero, o então cônsul e orador foi o primeiro a se ocupar da conspiração, posto que redigiu e publicou os quatro discursos<sup>1</sup> proferidos no Senado contra seu líder, Catilina.

Embora a obra de Cícero constitua vasta fonte sobre o tema, não é a oratória, mas a narrativa histórica o ponto de partida deste trabalho. A historiografia romana nos deixou um relato desta conjuração na obra de Salústio

---

<sup>1</sup> Os discursos foram redigidos e publicados pelo próprio Cícero e denominados *In Catilinam*.



- Gaio Salústio Crispo -, político e historiador de Roma, inovador no campo das monografias. É com base em sua *De coniuratione Catilinae* e, principalmente, nas descrições que Salústio faz de Catilina, seu caráter, sua moral e seu perfil psicológico, ao longo da obra, que pretendo construir aqui um retrato desse personagem.

Outros autores<sup>2</sup> se ocuparam tanto da conjuração quanto de Catilina, nem sempre como o objeto em si, mas freqüentemente inseridos no grande contexto da crise da República, sobretudo na defesa ou crítica de algum ponto de vista político ou mesmo de uma pessoa. A diversidade de enfoques e interesses, e conseqüentemente de fontes, torna patente a divergência de opiniões acerca de um mesmo evento, dificultando a priorização de uma versão e o abandono de tantas existentes.

Sem meios mais eficazes para comprovação da veracidade<sup>3</sup>, o melhor recurso sempre me pareceu consultar um número satisfatório de autores idôneos e assumir o ponto de vista deles quando necessário fosse, expondo também os de outros que julgasse relevantes para a pesquisa.

A metodologia adotada baseia-se, sobretudo, no levantamento bibliográfico, na tradução de todos os trechos latinos - por mim selecionados, segundo critérios de relevância para o objeto de estudo - e, ainda, na

---

<sup>2</sup> Além dos pesquisadores dedicados à Antiguidade Clássica de um modo geral, como Ronald Syme, Giancarlo Pontiggia, Augusto Rostagni, Michael Grant, Luciano Cãnfora, Pedro Paulo Funari, Antônio da Silveira Mendonça e outros apresentados na bibliografia, autores ainda do mundo antigo, como *Asconius* e *Dio Cassius*, sempre citados pelos estudiosos modernos.

<sup>3</sup> O presente estudo não se ocupa de julgamentos de obras nem de autores.

análise de tais excertos quanto à sua importância na caracterização de Catilina.

Para realizar o retrato de Catilina, começo por elencar uma série de questões que surgem quando se pretende analisar um retrato de personagem, sobretudo o de uma figura ilustre, separada de nós por mais de dois mil anos.

Retratar uma pessoa da melhor maneira possível é manter-se imparcial ao fazê-lo? É priorizar suas qualidades ou defeitos? Seus vícios ou virtudes? É dosar um pouco de cada na medida certa, ou sujeitar a descrição aos interesses do narrador? Ou moldá-la ao gosto da audiência? Enfim, que aspectos da personalidade, da vida particular e pública da pessoa deve compreender um retrato?

Pretendo responder a estas e outras perguntas que possam surgir ao longo do estudo, analisando, para tanto, os valores atribuídos a Catilina por Salústio, cotejando-os, sempre que possível, com os traços apontados em comum por outros que se ocuparam do conjurado.

Os trechos selecionados foram traduzidos e discutidos à luz da bibliografia consultada sobre o assunto. O objetivo é mostrar como Salústio constrói sua personagem, de acordo com as questões apontadas há pouco, levando-se em consideração, além do contexto, o estilo do autor, seus supostos interesses, sua função de historiador e suas relações com o retratado.

Este estudo se divide, portanto, em dois capítulos: no primeiro, dedico-me à contextualização histórica, temática, política, social e literária da obra escolhida

e de seu autor. No segundo capítulo, colijo os elementos que me permitam, *a posteriori*, elaborar o retrato de Catilina, a partir de uma análise do protagonista de Salústio na história, na literatura aos olhos de outros autores, como possível protagonista-vilão e, ainda, a partir de seus próprios discursos, tais como apresentados por Salústio no *De coniuratione Catilinae*.

Para tanto, utilizo os seguintes capítulos - ou trechos dos mesmos - do *De coniuratione Catilinae*: V (cinco), XIV (catorze), XV (quinze), XVII (dezesete), XX (vinte), XXI (vinte e um), XXII (vinte e dois), XXIV (vinte e quatro), XXXI (trinta e um), XXXII (trinta e dois), XXXV (trinta e cinco) LVI (cinquenta e seis), LVII (cinquenta e sete), LVIII (cinquenta e oito) LX (sessenta) e LXI (sessenta e um).

## 2. O CONTEXTO

*"Non potremmo leggere il libro di Salustio, che pure è un'opera storica su un argomento passato, senza tener presente il contesto in cui viene scritto e dal quale sorge."*

Giancarlo Pontiggia<sup>4</sup>

### 2.1 Salústio

Conjecturas e especulações abundam sobre a vida e a obra de Gaio Salústio Crispo, político e historiador romano do século I a.C., talvez o primeiro a assumir consciente e publicamente<sup>5</sup> a função de historiador. Alvo de muitos estudos, análises e críticas desde a Antigüidade Clássica até os tempos hodiernos, Salústio não deixou obra extensa, mas controversa e profícua.

Informações escassas e contraditórias sobre sua vida chegaram até nós provenientes de fontes temporal e espacialmente diversas. Uma comparação dos dados nos mostra que um único evento é apontado com precisão e unanimidade pelas fontes: Salústio torna-se tribuno em 52

---

<sup>4</sup> PONTIGGIA, Giancarlo. *In: SALLUSTIO. La congiura di Catilina*. A cura di Giancarlo Pontiggia. Milano: Arnoldo Mondadori Editore. 1992.p.XI

<sup>5</sup> Já no capítulo IV do *De coniuratione Catilinae*, Salústio expõe sua proposta de historiador: (...) *statui res gestas populi Romani carptim, ut quaeque memoria digna uidebantur, perscribere*(...). Minha tradução para o trecho: (...)decidi registrar os feitos ilustres do povo romano selecionando aqueles que me pareciam dignos de memória(...).

a.C. Sua vida pregressa é relatada com base em hipóteses aventadas, pois é a partir da entrada na vida pública que começam a surgir documentos mais precisos - principalmente no que diz respeito à datação - sobre o homem, o político e o historiador.

Apesar das lacunas biográficas e das imprecisões já mencionadas, uma síntese da vida de Salústio se faz necessária, posto que ele foi contemporâneo dos eventos que relata na obra eleita para a presente análise e tendo em vista a relevância do contexto histórico, político e social do período em questão.

Gaio Salústio Crispo nasceu de família plebéia em Amiterno na Sabina, em 86(?)a.C. Para Jose Manuel PABON, entre as populações montanhesas era melhor preservado o espírito de tradição nacional e respeito aos nomes da História, além da crença de que na cidade os bons tempos passados não haviam sofrido grandes mudanças, o que teria contribuído para a formação do caráter do historiador<sup>6</sup>.

Não se sabe com que idade ou por quais motivos ter-se-ia mudado para Roma, mas aí dedicou-se aos estudos e juntou-se aos democratas - populares, liderados por César. Certamente chegou à questura antes de se tornar tribuno da plebe, em 52 a.C.

Diversas fontes referem-se às intrigas nas quais Salústio se envolveu, destacando-se a campanha contra Milão (acusando-o de ter ele próprio matado Cláudio) e seu defensor Cícero. Foi afastado do Senado em 50 a.C, pelo censor Ápio Cláudio Pulcro, ao que parece, devido a

---

<sup>6</sup> PABON, Jose Manuel. *In: SALUSTIO. Conjuracion de Catilina*. Edición, prologo y notas de Jose Manuel Pabon. 2ed. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija. 1945.p.5.

atritos políticos, disfarçados em acusações de imoralidade ou conduta indevida<sup>7</sup>.

Uniu-se - apesar das várias controvérsias acerca desse fato - a Júlio César na guerra civil, o que lhe propiciou um retorno ao Senado e um comando na Ilíria - não de uma batalha, mas do transporte de um grupo em busca de suprimentos -, empresa em que obteve sucesso, conforme Ronald SYME em sua obra sobre Salústio(1962)<sup>8</sup>. Após a vitória de César, foi nomeado procônsul da província da África Nova (Numídia), acumulou fortuna e um processo por malversação - aqui também as divergências de relatos são extensas.

Sabe-se, entretanto, que nunca desempenhou papel de primeiro plano na política, o que, aliás, era difícil no cenário dominado por César e Pompeu. Não havendo referências precisas quanto ao desfecho do citado processo, pode-se dizer apenas que, em 44 a.C. - ano da morte de Júlio César -, Salústio retirou-se da vida pública e dedicou-se à historiografia até ao fim da vida, talvez em 35 a.C.

As obras que nos chegaram de Salústio são: as duas monografias históricas (*A conjuração de Catilina* e *A guerra de Jugurta*), um tratado (incompleto) de cinco livros intitulado *Histórias*, sobre os acontecimentos de 78 a 67 a.C., quatro discursos e quatro cartas, duas das quais dirigidas a César<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> KENNEY, E.J. y CLAUSEN, W.V.(eds.) *Historia de la literatura clásica* (Cambridge University) vol.II. literatura latina. Trad. Elena Bombín Madrid: Editorial gredos.p.302.

<sup>8</sup> SYME, Ronald. *Sallust*. University of California Press. 1962.p.37

<sup>9</sup> PABON.*Op.cit*.p.11

Embora o presente estudo se atenha à *conjuração de Catilina*, vale ressaltar o conteúdo das cartas a César, conforme expôs E. BOLAFFI em artigo da revista *Latomus*. Para o autor, o pensamento político de Salústio pode ser dividido em três fases: a primeira dedicada ao ideal republicano e democrático (na carta mais antiga ele admira o passado e sonha com um retorno à antiga república dos irmãos Graco; a segunda fase é marcada pelo ideal monárquico do tipo democrático, expresso na carta mais recente, fruto da confiança em César e das condições políticas do momento (46 a.C); a última fase é um retorno ao ideal republicano e democrático, representada pelas alusões antimonárquicas presentes nas obras históricas, por exemplo no *De coniuratione Catilinae* 7,1-3 e 53,4<sup>10</sup>.

Como historiador, ao longo dos séculos, Salústio tem sido alvo de todo tipo de crítica: há os que não vêem nele tal função, mas sim a de literato; a Idade Média o admirou ao tomar seus prólogos, indevidamente, como tratados de moral; o Renascimento o acusou de tendencioso por não ter dado maior destaque à figura de Cícero; o século XIX o viu como um homem que participou ativamente da vida política do seu tempo ao lado de César; e, finalmente, após 1930, foi reconhecido, como ressalta Angélica CHIAPPETTA em artigo publicado na revista *Língua e Literatura*, como “um pensador que fez questão de se manter acima do conflito e da crise de seu tempo”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> BOLAFFI, E. La conception de l'Empire dans Salluste et dans Horace. In: *Latomus*. Tome3. Revue d'études latines. 1939.p.104

<sup>11</sup> CHIAPPETTA, Angélica. “Não diferem o historiador e o poeta...” O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. In: *Língua e Literatura*, n22, p.15-34, 1996.p.27

## 2.2 O tema

O *De coniuratione Catilinae* parece<sup>12</sup> ter sido escrito entre 43 e 41 a.C., quando os principais atores envolvidos no processo - Crasso, Pompeu, Catão de Útica, César, Cícero e o próprio Catilina - estavam mortos. Esse dado me permite acrescentar mais uma hipótese às tantas já existentes sobre a escolha de Salústio pela conjuração como objeto de estudo, dentre tantos outros eventos também significativos para o declínio da República em Roma: Salústio se sabia testemunha - talvez a única viva e em condições de se dedicar à literatura - de um período extremamente conturbado da história de Roma. Ele estava entre os jovens que, à época da conjuração, sonhavam com o poder, revoltavam-se contra as injustiças, dedicavam-se às artes e aos mistérios religiosos e interessavam-se pela filosofia ateniense (PONTIGGIA, 1992)<sup>13</sup>. Esses fatos ficam no imaginário de toda uma geração, e é na maturidade e no afastamento da vida política que Salústio os retoma, ciente da tragicidade da situação que culminaria no fim da República.

Outra hipótese - bastante refutada - é apontar a obra como política disfarçada em história, considerando-se que o objetivo principal de Salústio seria salvar César de acusações de cumplicidade ou vingar-se de

---

As fontes para todas as críticas ao historiador, que acabo de citar, podem ser encontradas nesse artigo.

<sup>12</sup> Embora as fontes consultadas sejam unânimes, nenhuma precisa a data com total segurança.

<sup>13</sup> PONTIGGIA. *Op. cit.* p. XII



Cícero. Hipótese pouco provável<sup>14</sup>, embora sustentada pela não isenção ideológica do autor.

A justificativa que o próprio Salústio nos fornece para a escolha do tema parece insuficiente, ou, no mínimo, modesta, dada a relevância do evento quando inserido no contexto mais amplo de uma análise histórico-político-social do período. Diz ele, ainda no prólogo da obra, no capítulo IV:

*Igitur De Catilinae coniuratione quam uerissime potero paucis absoluam; nam id facinus in primis ego memorabile existumo sceleris atque periculi nouitate.*<sup>15</sup>

Assim narrarei em poucas palavras sobre a conjuração de Catilina, da maneira mais fiel possível, pois considero o evento memorável acima de todos, pela novidade do crime e do perigo.

Seu interesse, então, parece se resumir à novidade do crime e ao perigo que representava para a República. Ao longo da obra, entretanto, sobretudo pelas digressões, Salústio busca relacionar a conjuração com todo o processo de decadência que já se alastrava por Roma<sup>16</sup>, tratando-a mais como consequência do que como causa da deterioração dos valores, costumes e instituições romanas.

Para Antônio da Silveira MENDONÇA, “a opção pela conjuração de Catilina só se explica satisfatoriamente

---

<sup>14</sup> MENDONÇA, Antônio da Silveira. Introdução. In: SALÚSTIO. *A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta*. Introdução e Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes. 1990.P.86

<sup>15</sup> SALLUSTE. *Catilina, Jugurtha, Fragments des Histories*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 12ed. Paris: Les Belles Lettres. 1980.

<sup>16</sup> Ver a primeira digressão de Salústio no *De coniuratione Catilinae*, sobre a decadência de Roma, nos capítulos VI a XIII, *passim passim*.

por considerações de ordem estético-literária”<sup>17</sup>. Acrescenta ainda que, em um relato literário e dramático, o que parece erro ou traição pode ser apenas adaptação e acomodação<sup>18</sup>. Pretendo que sua defesa possa ser complementada pela minha hipótese (supracitada) e as duas, então, pela de BOISSIER:

*“Mas o que lhe (a Salústio) convinha particularmente neste assunto (conjuração de Catilina) era o fato de ser dramático, de colocar em confronto homens importantes, que lhe ensejavam a oportunidade de traçar deles os retratos, de fazê-los agir e falar, de pintar os costumes do tempo, tudo coisas nas quais era exímio e das quais o povo estava ávido”<sup>19</sup>.*

Mais do que um relato sobre a conspiração de Catilina, ou os eventos do consulado de Cícero, o *De coniuratione Catilinae* trata, sobretudo, da decadência moral e institucional de Roma. Em Salústio, “acontecimentos e palavras se consubstanciam para produzir a História”<sup>20</sup>.

### **2.3 A literatura em Roma**

Em Roma não havia, até então, a concepção de história como um gênero literário. Os analistas registravam os fatos ano a ano, de maneira global e, às vezes, fragmentária; as biografias encomendadas

---

<sup>17</sup> MENDONÇA. *Op.cit.* p.86

<sup>18</sup> *Idem, ibidem.* p.87

<sup>19</sup> *Apud* MENDONÇA. *Op.cit.* p.86

<sup>20</sup> MENDONÇA. *Op.cit.* p.89

constituíam uma “literatura de conteúdo encomiástico e objetivo político”<sup>21</sup>; finalmente, os *comentarii* eram diários, anotações autobiográficas e memorialísticas. A monografia histórica é inaugurada em Roma por Salústio.

Em 56 a.C., Cícero já havia fornecido, em carta a Luceio<sup>22</sup>, os princípios básicos desse tipo de narrativa histórica, embora não se saiba até que ponto suas orientações podem ter sido seguidas por Salústio<sup>23</sup>. Para o mestre da oratória, tal gênero deveria ter unidade e organicidade, variedade e vicissitudes, como um drama.

Para CHIAPPETTA(1996), “um historiador antigo fará o seu verossímil argumentativo derivar de seu talento retórico, o qual lhe atribui credibilidade e autoridade”<sup>24</sup>. Assim, não podemos julgar com os olhos dos historiadores/críticos modernos o que Cícero teorizou e Salústio empreendeu como narrativa histórica.

Existe um vínculo entre o fazer literário e as condições políticas de determinada civilização, cuja literatura reflete, por presença ou ausência, a realidade histórica<sup>25</sup>.

A vida literária em Roma desenvolveu-se, sobretudo, em um meio de alta cultura, nos chamados círculos literários, que agrupavam partidários de ideais e convicções políticas semelhantes, embora de classes sociais diversas, segundo Auguste GUILLEMIN, em artigo de

---

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem.* p.83

<sup>22</sup> CÍCERO. *Ad fam.* 5,12

<sup>23</sup> A esse respeito, vale conferir a tese de doutoramento de Laurindo Dalpian, intitulada *As monografias de Salústio à luz da teoria historiográfica de Cícero*, orientada pelo prof. Doutor Ariovaldo Augusto Peterlini, defendida na USP em 1994.

<sup>24</sup> CHIAPPETTA. *Op.cit.* p.19

<sup>25</sup> TANNUS, C. A Kalil et alii. *Literatura latina e realidade histórica*. In: Calíope. Ano III, n.4. Jan/Jun 1986. UFRJ. p.147

1934<sup>26</sup>. Assim, havia círculos dos partidários da aristocracia - no qual Sila tomara parte -, dos inimigos de César e o círculo de Cícero, que refletia as oscilações deste orador. Tais círculos velavam pela pureza da língua e estimulavam a produção literária, satisfazendo as necessidades intelectuais da época.

Embora não se tenha notícia da participação de Salústio em algum círculo, sua intensa atividade política certamente o colocara em contato com literatos e obras. Sua dedicação à literatura, entretanto, é posterior à vida pública, coincidindo com o desmoronamento da república em Roma.

GUILLEMIN afirma que a corrupção do regime pode ser estendida à literatura: à medida em que os círculos se fechavam, a obra se separava das preocupações do povo e a grande produção desaparecia<sup>27</sup>. Esse fenômeno pode ter contribuído para a decisão de Salústio pela historiografia, não apenas como forma de narrar os fatos, mas, principalmente, de explicá-los.

## 2.4 A história

Assim como a conjuração não pode ser vista apenas a partir de Roma, também não cabe focar somente o ano de 63 a.C. Concordo com a afirmação de Alfred ERNOUT (1980)<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> GUILLEMIN, A. Le public et la vie littéraire à Rome au temps de la république. In: *Revue des études latines*. Paris: société d'édition "Les Belles Lettres". Fascicule II. 1934.p.334

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*.p.343

<sup>28</sup> ERNOUT, Alfred. Introdução. In: SALLUSTE. *Catilina, Jugurtha, Fragments des Histoires*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 12 ed. Paris: Les Belles Lettres. 1980.p.19

de que a conjuração de Catilina foi um resultado cujas causas devem ser buscadas em períodos anteriores; foi um dos últimos aspectos da rivalidade (entre *optimates* e *populares*) que dilacerava Roma há muito e atingiu seu paroxismo nos anos que precederam a queda da república e a instalação do regime imperial.

Voltemos, então, aos anos que antecederam a conjuração e façamos uma análise dos eventos que, por toda a Itália, inserem-se no contexto mais amplo da conspiração.

À medida em que as cidades eram conquistadas, o Império romano crescia e novas alianças surgiam, baseadas em vantagens tributárias, judiciais e de auxílio mútuo em caso de guerra. Entretanto, os aliados italianos, cuja influência junto à elite romana era inexpressiva, deflagraram a Guerra Social (90-87 a.C.), exigindo cidadania e benefícios após a morte do tribuno Marco Lívio Druso, que defendia seus interesses no Senado. Conseguiram.

Os italianos enfrentaram problemas para se integrar no corpo político de Roma, e os romanos, após a Guerra, dificultaram o direito de voto daqueles, comprometendo o sistema de alianças políticas e o controle das eleições. Foi grande o impacto deste fato no sistema judiciário, maiores as conseqüências. Sem os referidos benefícios, os italianos não podiam defender seus interesses econômicos na terra, sobretudo depois das propostas agrárias de P. Servílio Rulo (63 a.C.) e L. Flávio (60 a.C.). Roberta STEWART(1995), em artigo da revista *Latomus*, atribui à

falta de terra e poder entre os italianos a causa dos conflitos do período<sup>29</sup>.

Retomando o passado resumidamente, ainda na década de 80, Sila é banido de Roma. Revolta-se contra o governo e invade a Itália. Assume o cargo de ditador (sem limites de duração do mandato) e, para restaurar os poderes do Senado, aumenta o número de senadores, suprime o poder dos tribunos e exclui os cavaleiros. Renuncia ao cargo, tornando-se cônsul em 80 a.C. Morre em 78 a.C. O confisco de terras (garantia da economia e do poder local) empreendido sob a ditadura de Sila, ao longo de toda a península, é apontado como uma das causas das revoltas que assolaram a Itália entre 63 e 60 a.C., dentre as quais destaca-se a conjuração de Catilina.

Lucio Sérgio Catilina - de quem me ocuparei pormenorizadamente no segundo capítulo -, duas vezes derrotado para o consulado, organizou um movimento revolucionário em Roma e no campo, com apoio de nobres e fazendeiros cujas terras haviam sido confiscadas por Sila, duas décadas antes, conforme o historiador Ronald MELLOR<sup>30</sup>.

Segundo Cícero e Salústio, Catilina enviara agentes por toda a Itália para provocar a rebelião. C. Mânlio incitou a insurreição na Etrúria, C. Júlio e M. Ceparrio fomentaram a revolta na Apúlia e Septímio de Camerino instigou os distúrbios no *ager Picenus*, como relata

---

<sup>29</sup> STEWART, Roberta. Catiline and the crisis of 63-60 B.C.: the Italian perspective. In: *Latomus*. Tome 54.Fasc. 1. Jan/Mars 1995.p.78

<sup>30</sup> MELLOR, Ronald. *The roman historians*. New York/London: Routledge. 1999.p.36

STEWART<sup>31</sup>. Tanto Stewart quanto HARRIS e BRUNT<sup>32</sup>, citados por esta, afirmam que as leis agrárias e os problemas oriundos da Guerra Social teriam levado a tais rebeliões ao longo da Itália, independentemente da conjuração.

Embora todos os distúrbios da época (e por toda a Itália) estejam associados ao nome de Catilina, este teria se aproveitado das circunstâncias, atraindo para a sua causa grupos já insatisfeitos com o poder dominante. Segundo STEWART, “os distúrbios tiveram sua origem num contexto completamente diferente, na dificuldade que muitos italianos estavam tendo para proteger seus interesses econômicos. A insurreição na Itália teria ocorrido independentemente de qualquer coisa que Catilina tenha feito ou planejado.”<sup>33/34</sup>

A insatisfação das elites rurais foi agravada pelas modificações que o Senado empreendeu nos regulamentos das províncias para enviar questores autorizados a agir independentemente. A revolução romana é, portanto, política, econômica e social.

A amplitude da conspiração, aliada ao grande número de adeptos das mais diversas classes<sup>35</sup>, pode ter

---

<sup>31</sup> STEWART.*Op.cit.*p.64

<sup>32</sup> Estudiosos do assunto, cujas opiniões sobre os distúrbios são citadas pela própria STEWART, na obra já citada neste estudo. Ela não fornece a fonte para BRUNT, mas o faz para HARRIS, W.V. *Rome in Etruria and Umbria*. Oxford. 1971. p.289-294.

<sup>33</sup> STEWART.*Op.cit.*p.78

<sup>34</sup> São minhas todas as traduções das obras estrangeiras aqui citadas, cujas línguas originais sejam inglês, francês, espanhol ou italiano.

<sup>35</sup> Cícero considerava os insurgentes de Roma como endividados, criminosos e depravados. Em *Cat.* 2, 18-23, ele delineia seis grupos de apoiadores de Catilina: “aristocratas endividados, aristocratas endividados com ambições políticas frustradas, colonistas de Sila e fazendeiros criminosos, endividados e preguiçosos, criminosos incluindo assassinos e parricidas, grupo pessoal de malfeitores de Catilina”. In STEWART.*Op.cit.*p.65

contribuído para seu fracasso. A bibliografia consultada aponta, entretanto, como causas do malogro, a delação feita por um companheiro de Catilina - que revela os planos da conjuração à amante e essa os faz chegar aos ouvidos de Cícero - e a competência deste, então cônsul. Ele prende os conjurados que encontra em Roma e faz com que Catilina seja vencido e morto em Pistóia, norte da Etrúria, em 62 a.C. Após dezembro de 63 a.C. surgiram suspeitas e acusações sobre aqueles que poderiam ter conexões com Catilina. Crasso foi denunciado, César esteve sob suspeição e Antônio foi acusado de cumplicidade e condenado em 59 a.C. Cícero interveio algumas vezes para proteger tais homens (STONE, 1998)<sup>36</sup>.

Em 60 a.C., tem-se o primeiro triunvirato, formado por Pompeu, Crasso e César. A coligação representará muitas conquistas para Roma, mas também levará a uma guerra civil entre Pompeu e César, após a morte de Crasso. A vitória de César nessa guerra contribui ainda para a expansão do território romano, mas a crise por que passava o governo já era incontornável e - após o assassinato de César - o colapso final da República não tardou.

Além da corrupção política e econômica que grassava em Roma, Salústio enfatiza a crise de valores por que passava a *Urbs*, onde um passado saudoso, calcado na *uirtus* e na *nobilitas*, contrastava com um presente deplorável, corrompido pela *ambitio* e pela *auaritia*. Catilina e a conspiração que organizara seriam frutos do

---

<sup>36</sup> STONNE, A. M. A house of notoriety: an episode in the campaign for the consulate in 64 b.C. In: *The Classical Quarterly*. Oxford University Press. Vol. XLVIII, n.2. 1998.p.491



processo de decadência por que passava a República como um todo. Sem isentar o líder da conjuração da responsabilidade que lhe coube, o historiador procurou, outrossim, dividir a culpa e os motivos entre vários setores da sociedade romana, sobretudo da classe dominante. No segundo capítulo pretendo me ocupar desse Catilina conforme Salústio o retrata.

A tendência de valorizar o passado e de ver o presente como degradação dos costumes não é exclusiva de Salústio. Representantes da época de Augusto, Horácio e Virgílio também fizeram apologia do passado glorioso de Roma (Idade de Ouro), contrapondo-o ao presente infesto. Como historiador, entretanto, Salústio pretende mostrar os defeitos do presente à luz da glória passada, de modo a explicar a história e torná-la útil aos jovens, que tomariam os erros apontados como ensinamentos e exemplos procurando evitá-los.

## **2.5 A política**

Salústio é político até como historiador. Sua primeira obra - *A conjuração de Catilina* - tem por assunto um episódio ocorrido na República já em crise. O enfoque principal é o aspecto político do acontecimento, que também devia ser o de maior interesse do autor.

Até o declínio do poderio romano, Roma experimentará a Monarquia, a República e o Império. Salústio é contemporâneo da queda da República - na qual

ele parecia acreditar - e da transição para o Império, período bastante conturbado da vida política de Roma.

Grandes personalidades viveram nessa época, destacando-se Júlio César, Pompeu, Crasso, Catão, Cícero e o próprio Catilina. Salústio conviveu com tais pessoas e, principalmente, esteve presente no Senado, ou próximo de quem estivesse, nos momentos das discussões e tomadas de decisões. Coube a ele selecionar o material e adequá-lo à sua intenção, ao seu gosto e interesse. Tarefa tanto mais complexa se considerarmos que o historiador nunca deixou de ser o político partidário e defensor de César, criticado, inclusive, pela forma como procura isentá-lo de qualquer cumplicidade na conjuração.

À época da conjuração, o Senado era dominado pela aristocracia romana e sustentado pelos clientes poderosos, que ali faziam valer seus interesses. Dois partidos políticos disputavam poder e cargos no Senado: o dos *optimates*, que congregava a nobreza aristocrata conservadora, e o dos *populares*, mais democrático e favorável a reformas. Na prática, segundo Ricardo da Cunha LIMA<sup>37</sup>, correntes partidárias agregavam-se em torno de lideranças carismáticas que ocupavam os mais diversos cargos, intensificando as brigas de bastidores e as disputas no Senado.

Além disso, o acesso ao poder era basicamente restrito às famílias oligárquicas. Era raro um *homo nouus* chegar ao consulado. As vias principais eram os

---

<sup>37</sup> LIMA, Ricardo da Cunha. In: CÍCERO, Marco Túlio. *Manual do candidato às eleições. Carta do bom administrador público. Pensamentos políticos selecionados*. Ed. Bilíngüe. Tradução, introdução e notas de Ricardo Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.p.8

casamentos e as alianças políticas, afora o indispensável conhecimento das leis e o domínio da oratória.<sup>38</sup>

A ascensão política se fazia gradualmente no sistema romano. Havia que passar obrigatoriamente por determinados cargos para chegar-se a outros. Para Ronald SYME<sup>39</sup>, era fácil entrar para o Senado, composto de 600 membros desde que fora aumentado por Sila, mas tornar-se pretor já exigia esforço e o consulado era monopolizado pelos *nobiles*.

O acesso ao Senado se dava pela questura. Antes dela o aspirante deveria adquirir experiência em alguma província estrangeira e ter sido, pelo menos, um tribuno militar.<sup>40</sup> Alguns postos eram preenchidos por meio de sorteio, para evitar disputas e manter o cargo como um serviço a ser prestado à pátria, não um prêmio dela recebido.<sup>41</sup>

O consulado era o mais alto cargo. Eram eleitos dois cônsules a cada ano. Reeleição ou posterior retorno à cadeira consular são raros e só podem ser encontrados no período de maior crise da República.

O ideal do sistema republicano, então, ainda segundo LIMA<sup>42</sup>, era que a estrutura administrativa suplantasse o personalismo dos políticos. Na prática, a corrupção e a imoralidade puseram um fim à república romana.

Se o fim da República pode ser considerado uma época turbulenta, corrupta, imoral e decadente, também

---

<sup>38</sup> SYME. *Op.cit.* p.22-23

<sup>39</sup> *Idem, ibidem.* p.21

<sup>40</sup> *Idem, ibidem.* p.27

<sup>41</sup> LIMA. *Op.cit.* p.8

<sup>42</sup> *Idem, ibidem.* p.8

foi o período áureo da oratória em Roma, tendo em Cícero seu maior expoente. O orador e cônsul - quando da conjuração - acreditava na República como uma forma de governo ideal, concebida a partir de uma mescla entre monarquia, aristocracia e governo popular, conforme expõe em seu *De re publica*:

*Mas, na monarquia, a generalidade dos cidadãos toma pouca parte no direito comum e nos negócios públicos; sob a dominação aristocrática, a multidão, apenas livre, está privada de qualquer meio de ação, e mesmo de deliberação; por último, quando o povo assume todo o poder, mesmo supondo-o sábio e moderado, a própria igualdade se torna injusta desigualdade, porque não há gradação que distinga o verdadeiro mérito. (...) Por minha parte, creio que a melhor forma política é uma quarta constituição formada da mescla e reunião das três primeiras. (I, XXVII e XXIX) (...) Para resumir: a monarquia nos solicita pela afeição; a aristocracia pela sabedoria; o governo popular, pela liberdade, e, nessas condições, a escolha se torna muito difícil. (I, XXXV)<sup>43</sup>*

A importância de Cícero no cenário político de Roma do período em questão pode ser medida pelo seu papel na conjuração de Catilina e pela obra que ele deixou, sobretudo os discursos proferidos no Senado, entre os quais se destacam *In Catilinam*, *Pro Sulla* e *Pro Murena*, pela afinidade temática com o presente estudo, e as suas cartas pessoais, que contêm relatos sobre os bastidores da política.

O pensamento político de Cícero aparece claro em suas obras: defender o sistema republicano e repudiar

---

<sup>43</sup> CÍCERO, Marco Túlio. *Da República*. Trad. Amador Cisneiros. 5ed. Rio de Janeiro: Ediouro.p.41-42/46

qualquer ditadura ou imposição<sup>44</sup>. Seus inúmeros discípulos talvez estivessem mais interessados na oratória do que nesse ideal, um tanto utópico em uma Roma corrupta, movida por alianças de todo gênero<sup>45</sup>. Ademais, os advogados em Roma eram proibidos de receber pagamento pelos serviços, o que aumentava o prestígio alcançado nos tribunais e fortalecia o sistema de troca de favores<sup>46</sup>, em última instância, a corrupção.

Para SYME<sup>47</sup>, Salústio não estaria entre os discípulos de Cícero, mas talvez pertencesse ao grupo dos mais jovens, que achavam o estilo do orador redundante, difuso e pomposo e procuravam um modo plano, vigoroso e concentrado.

Não se pode afirmar até que ponto os relatos de Cícero foram utilizados por Salústio na composição do *De coniuratione Catilinae*, não apenas porque o historiador já havia se retirado do meio político, mas também pela suspeita de uma inimizade entre os dois, defendida pelos críticos que vêem na obra de Salústio um panfleto

---

<sup>44</sup> LIMA.*Op.cit.*10

<sup>45</sup> No *Manual do candidato às eleições*, Quinto Cícero (embora ainda haja quem questione esta autoria) escreve ao irmão Marco Túlio Cícero quando de sua disputa pelo consulado: "*Roma est, ciuitas ex nationum conuentu constituta, in qua multae insidiae, multa fallacia, multa in omni genere uitia uersantur, multorum arrogantia, multorum contumacia, multorum maleuolentia, multorum superbia, multorum odium ac molestia perferenda est.*" (XIV, 54) "Aqui é Roma - uma sociedade formada por um conjunto de nações, na qual proliferam muitas armadilhas, muita mentira, muitos vícios de todo gênero e na qual devemos aguentar a arrogância de muitos, o atrevimento de muitos, a hostilidade de muitos, o desdém de muitos, o ódio e o estorvo de muitos." E, mais adiante: "*Et quoniam in hoc uel maxime est uitiosa ciuitas, quod largitione interposita uirtutis ac dignitatis obliuisci solet, (...)*" (XIV, 55). "Ademais, como o maior de todos os vícios da sociedade reside no fato de que, quando entram em campo a corrupção e o suborno, ela costuma esquecer-se da moral e da dignidade, (...)" p.56-59

<sup>46</sup> LIMA.*Op.cit.*p.45

<sup>47</sup> SYME.*Op.cit.*p.22

político contra Cícero, ou, mais especificamente, uma resposta ao *De consiliis suis* de Cícero, obra que faz revelações que contêm evidências contra César e Crasso<sup>48</sup>.

Ainda segundo SYME, o *De coniuratione Catilinae* talvez tivesse sido encomendado por Otaviano e seus amigos em 42 a.C. Mas ele também deixa claro que as preocupações de Salústio vão muito além da defesa de César, concentrando-se principalmente no declínio de uma época da história romana<sup>49</sup>.

Longe de atribuir a Cícero o papel de que o próprio se julgava merecedor no cenário político da conjuração<sup>50</sup>, Salústio apenas menciona o cônsul e seu primeiro discurso contra Catilina, sem dele citar uma só palavra.

No capítulo XXIV, Salústio faz menção às eleições de 63 a.C., no seguinte trecho:

*XXIV- Igitur comitiis habitis, consules declarantur M. Tullius et C. Antonius; quod factum primo popularis coniurationis concusserat. Neque tamen Catilinae furor minuebatur, sed in dies plura agitare, arma per Italiam locis opportunis parare, pecuniam sua aut amicorum fide sumptam mutuum Faesulas ad Manlium quemdam portare, qui postea princeps fuit belli faciundi.*

XXIV- Então, realizadas as eleições, foram declarados cônsules M. Túlio e G. Antônio; este fato em princípio inquietara os comparsas da conjuração. E nem assim foi enfraquecido o furor de Catilina, mas a cada dia mais coisas organizava, dispunha armas pela Itália em locais oportunos, levava dinheiro emprestado em seu crédito ou de amigos até Fésulas, para um certo Mânlio que, posteriormente, provocou o início da guerra.

---

<sup>48</sup> SYME. *Op. cit.* p.62

<sup>49</sup> *Idem, ibidem.* p.64

<sup>50</sup> Cf. a carta a Luceio, na qual expressa o desejo de ser o protagonista de uma narrativa histórica sobre seus feitos quando da conjuração de Catilina.

Mas nada diz sobre a importância do novo cônsul, afirmando apenas que a derrota não fora suficiente para fazer Catilina desistir da empreitada, nem para enfraquecer seu furor. Mais adiante, entretanto, ao mencionar a primeira catilinária, reconhece sua utilidade:

XXXI- (...) *Postremo, dissimulandi causa aut sui expurgandi, sicubi iurgio lacessitus foret, in senatum uenit. Tum M. Tullius consul, siue praesentiam eius timens, siue ira commotus, orationem habuit luculentam atque utilem rei publicae, quam postea scriptam edidit.*

XXXI- (...) Enfim, para fingir ou se livrar de culpa, se fosse atacado pela contestação de alguma parte, foi ao senado. Então o cônsul M. Túlio, ou temendo a presença daquele, ou movido pela ira, pronunciou um discurso notável e útil ao governo, que posteriormente publicou escrito.

Não se pode pensar em exaltação ao político defensor da República, porque os adjetivos *luculentam* e *utilem*, a meu ver, perdem sua força no contexto, posto que *praesentiam timens* e *ira commotus* não são motivos dignos de um cônsul.

Salústio relega a Cícero papel secundário na obra. Embora quase não o mencione, quando o faz, é sempre coerente com o que o próprio Cícero relatou, como, por exemplo, ao revelar ordens de Catilina que continham o plano de assassinar Cícero, informação presente no discurso deste<sup>51</sup> e no capítulo XXXII do *De coniuratione Catilinae*:

---

<sup>51</sup> CICÉRON. *Discours*. Tome X. Catilinaires. Texte établi par H. Bornecque et traduit par E. Bailly. Paris: Les Belles Lettres. 1926. p.VII.

(...) *Sed Cethego atque Lentulo ceterisque quorum cognouerat promptam audaciam mandat quibus rebus possent opes factionis confirment, insidias consuli maturent, caedem, incendia aliaque belli facinora parent: sese prope diem cum magno exercitu ad urbem accessurum.*

(...) Mas a Cetego, Lêntulo e outros, cuja audácia explícita ele conhecia, ordena que garantam o poder do partido da forma que puderem, que acelerem as ciladas contra o cônsul, preparem o assassinato, os incêndios e outros crimes de guerra: ele mesmo logo se aproximaria da cidade com grande exército.

Salústio opta pela forma *consuli*, destacando o cargo e não a pessoa de Cícero, embora todos soubessem tratar-se do orador.

Outros elementos do cenário político de 63a.C., sobretudo personalidades e fatos, serão apresentados oportunamente, no próximo capítulo, conforme estejam mais ou menos relacionados com a obra de Salústio ou com Catilina.



### 3. O RETRATO

"Il ritratto, straordinario per energia e penetrazione psicológica, ci immette infatti nel tema profundo e centrale dell'intera monografia: l'ambiguità mostruosa dei nuovi tempi".

Giancarlo Pontiggia<sup>52</sup>

#### 3.1 Catilina na história

Salústio foi o primeiro historiador a se ocupar de Lúcio Sérgio Catilina, fazendo dele o protagonista de sua primeira monografia, o *De coniuratione Catilinae*. A literatura, entretanto, sempre permite uma certa dose de ficção, principalmente quando se trata da inauguração de um estilo, cujas regras ainda não foram estabelecidas. Assim, outros historiadores, quer narrando a história de Roma, quer o episódio da conjuração em si, retomaram a figura de Catilina e também delinearam-lhe o perfil. É a visão desses historiadores que pretendo mostrar nesse item.

Baseados, sobretudo, nos relatos de Cícero, Salústio, Plutarco, Ascônio, Dião Cassio e Suetônio, os historiadores consultados<sup>53</sup> apresentam Catilina inserido

---

<sup>52</sup> PONTIGGIA. *Op.cit.* p.XI

<sup>53</sup> Destaco Michael Grant, François Hartog, Roberta Stewart, Ronald Mellor, Pedro Paulo Funari e Luciano Canfora, dentre outros, todos referidos na bibliografia do presente estudo.

no contexto da conjuração ou a partir das obras dos autores supracitados.

Assim, não podemos falar em biografia de Catilina, visto que a história privilegia o homem político, ou seja, aquele ligado ao Senado, nas disputas pelo consulado, ou à conjuração, na tentativa frustrada de tomar o poder após ser derrotado nas eleições de 63 a.C.

Sobre sua vida privada sabe-se pouco. Episódios que terminaram em processos (como o caso da Vestal, por exemplo, ao qual voltarei oportunamente) são sempre citados com algum respaldo, outros fatos, para os quais existem diferente versões, são aventados como hipóteses. Na verdade, os autores limitam-se a mencionar fatos ou traços que corroborem a idéia de que Catilina era um homem mau, desequilibrado e disposto a tudo para alcançar seus objetivos, movido por uma ambição ilimitada.

À medida em que se descobrem novas fontes, as informações tornam-se mais controversas, principalmente quando se trata da vida pública e/ou particular de uma personalidade tão distante temporal e espacialmente, sobre a qual só há registro escrito, sempre sujeito a diferentes interpretações.

Segundo STEWART<sup>54</sup>, a bibliografia sobre Catilina divide-se em três grupos principais, todos relacionados com a conjuração em Roma e por toda a Itália: o primeiro debate a credibilidade de Cícero (principal rival de Catilina no Senado, posto que o derrotara nas eleições de 63 a.C.) e o papel dos líderes romanos no evento; o segundo grupo diz respeito ao apoio popular a Catilina em

---

<sup>54</sup> STEWART. *Op.cit.* p.64

Roma e os motivos para a dissidência; o último considera o apoio de Catilina na Itália.

O próprio papel de Catilina na conjuração é, portanto, questionável. Sua atuação em Roma é indiscutível, mas há dúvidas quanto à sua relação com as rebeliões concomitantes por toda a Itália, principalmente quanto à ação conjunta com Mânlio.

SEAGER<sup>55</sup> acredita que os dois agiram independentemente no início, embora Cícero já tivesse apontado uma conexão entre os dois desde a primeira Catilinária, proferida logo após a rebelião na Etrúria chefiada por Mânlio. PHILLIPS<sup>56</sup> defende Cícero e vê Catilina como o mentor dos eventos em Roma e na Etrúria.

Ainda segundo STEWART, poucos defendem a hipótese de SEAGER, porque os líderes italianos da insurreição são identificados como clientes de Catilina, embora não haja evidência verificável. Entretanto, a mesma autora afirma em seguida que, à exceção de Vetius, nenhum dos supostos co-conspiradores tem comprovada conexão prévia com Catilina. A dúvida permanece, portanto, sobre sua participação nos eventos fora da *Urbs*.

Para Michael GRANT<sup>57</sup>, Lúcio Sérgio Catilina foi “um patrício arruinado e inescrupuloso (...) que buscou aliciar os pobres para sua causa com um programa revolucionário (incluindo o cancelamento das dívidas)”. O autor afirma, ainda, que, após a primeira Catilinária, ele teria deixado Roma para comandar sequazes na Etrúria.

---

<sup>55</sup> SEAGER, R. *Iusta Catilinae*, citado por STEWART (*Op.cit.p.65*)

<sup>56</sup> PHILLIPS, E.J. *Catiline's conspiracy*, citado por STEWART (*Op.cit.p.65*)

<sup>57</sup> GRANT, Michael. *História resumida da civilização clássica - Grécia e Roma*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994. capítulo 9.

Em suma, os historiadores discutem a atuação de Catilina, não o seu caráter. Ao tomar Cícero como a principal fonte, a história assume o ponto de vista do vencedor para tratar os fatos. Assim, o Catilina que ela nos legou foi, na maioria das vezes, aquele delineado por seus inimigos, então no poder.

Salústio, ao contrário, conseguiu ver e apontar virtudes, e não apenas vícios, em seu protagonista. Tal perspectiva aproxima o historiador do século I a.C. daqueles do século XX d.C., da corrente denominada *Nouvelle histoire*<sup>58</sup>, que se dedicaram à análise de outros pontos de vista, principalmente o das minorias, incluindo os vencidos.

Nem Catilina nem ninguém do seu grupo deixou relato algum sobre a conspiração. Todos os textos que chegaram até nós, sejam eles contemporâneos da conjuração ou modernos, enfocam o acontecimento a partir do que ele representou para o Senado e, conseqüentemente, para a República.

Um historiador de hoje, que se voltasse para a pesquisa do assunto ou do homem, talvez revelasse um novo Catilina, um revolucionário corrompido pela ambição, por exemplo. Para CHIAPPETTA<sup>59</sup>, poderíamos ir mais longe ainda e reapresentar as personagens, ou seja, além de um Catilina libertário ou revolucionário, encontraríamos um Cícero conservador e um César liberal e defensor dos

---

<sup>58</sup> Destaco, nesse grupo de historiadores, Marc Bloch, Fernand Braudel, Paul Veyne, Lucien Febvre, George Duby, Peter Burke, Phillipe Áries, Carlo Guinzburg, Jacques Le Goff e Pierre Nora, dentre outros.

<sup>59</sup> CHIAPPETTA. *Op.cit.* p.26

direitos do povo. Talvez seja esse o próximo passo da historiografia.

Passo, então, ao resumo da vida, ou melhor, dos fatos de que se tem notícia na vida de Catilina, a partir dos relatos da história. Não considero aqui as obras de Cícero ou Salústio em si, visto que serão retomadas ao longo do capítulo.

Lúcio Sérgio Catilina nasceu em 106 a.C., da família patrícia dos *Sergii*, a qual se encontrava em decadência, visto que não fazia um cônsul há três séculos<sup>60</sup>. As informações concentram-se sobre o período em que disputou o consulado e liderou a conspiração que pretendia tomar o poder em Roma.

Pelas empresas das quais participou, sabe-se que Catilina tinha experiência militar, gosto e talento de alto nível. Esteve entre os oficiais de Pompeu Strabo na conquista de *Asculum* em 89 a.C. Após derrotar os italianos, Strabo incitou o exército em várias expedições de cunho privado, na tentativa de tomar o poder. Não conseguiu porque morreu. Isso fez parte do aprendizado de Catilina.

Foi como partidário de Sila que ele adquiriu notoriedade, graças aos assassinatos e roubos cometidos quando este dominou Roma. Catilina aparece como aquele que cortou a cabeça de *M. Marius Gratidianus* e a carregou por Roma quando da tomada da cidade por Sila (*Asconius* 80). Catilina também servira como *legatus* no exterior nos anos 70 a.C. sob um procônsul em uma das tantas guerras.

---

<sup>60</sup> Cf. SYME. *Op.cit.* p.118

Em 73 a.C. uniu-se a uma Vestal, Fábria, meia-irmã de Terência, esposa de Cícero. Houve um processo, do qual saiu ileso graças ao testemunho do eminente consular Lutácio Catulo. Muitos atos de adultério estão ligados ao seu nome, como sua união com uma enteada, antes do terceiro casamento, com Aurélia Orestila. Para se casar com esta, teria matado o próprio filho, o que é atestado inclusive por Salústio. Ainda sobre a sua vida privada, sabe-se que a primeira esposa de Catilina foi uma *Gratidia*, irmã de *M. Marius Gratidianus*. Além disso, Quinto Cícero e Plutarco falam da destruição ou morte de um seu cunhado, Quinto Cecílio.

Catilina obteve a pretura de 68 a.C. e governou a África como sua província. Ao voltar de lá, foi impedido de concorrer ao consulado em 66 a.C. por *L. Volcacijs Tullus* (*Asconius* 79). Ganham P. Cornélio Sila<sup>61</sup> e P. Autrônio Paeto. Estes, acusados de suborno pelos derrotados (L. Mânlio Torquato e L. Aurélio Cota), são depostos e condenados. Cícero defende Sila.

Mânlio Torquato talvez fosse amigo de Catilina porque havia testemunhado a seu favor no julgamento de 65 a.C. por *repetundae*. Muitos falaram em sua defesa. Foi inocentado - há suspeitas não comprovadas de suborno -, mas já era muito tarde para concorrer ao cargo de cônsul nas eleições de 64 a.C.

Nas eleições de 63 a.C., Catilina perdeu para Cícero e G. Antônio. Houve mais um processo por assassinato ocorrido na época de Sila e nova absolvição.

---

<sup>61</sup> Vale ressaltar que P. Sila é partidário de César e surge no cenário romano 36 anos após L. Sila, como esclarece SYME (*Op.cit.p.101*).

Novamente foi derrotado em 63 a.C., por Licínio Murena e Junio Silano.

Catilina lidera, então, a conspiração de 63 a.C. para tomar o poder à força em Roma. KENNEY e CLAUSEN defendem, ainda, que Catilina buscou o poder pelos meios constitucionais legais antes de recorrer à violência e que só o fez porque tais meios falharam<sup>62</sup>. Descoberta e desbaratada a conjuração, Catilina é morto numa batalha em Pistóia em janeiro de 62 a.C.

Para Suetônio, os insurgentes de 60 a.C. são remanescentes dos exércitos de Espártaco e Catilina<sup>63</sup>.

### **3.2 Catilina aos olhos de seus contemporâneos**

Retomo o item anterior apenas lembrar que a história é narrada pelo vencedor. Assim, não há relatos nem de Catilina nem de qualquer conjurado ou amigo seu. Os vencidos não nos legaram sua visão dos fatos, basicamente por dois motivos: ou porque, vencidos, foram mortos ou porque, mesmo que tivessem escrito algo antes da derrota, teria o vencedor interesse em conservar um relato da oposição?

Os autores que se ocuparam de Catilina, portanto, não o fizeram em sua defesa, mas para criticá-lo como homem, como político, como líder de uma conspiração

---

<sup>62</sup> KENNEY y CLAUSEN. *Op.cit.* p.309

<sup>63</sup> STEWART. *Op.cit.* 65

contra a República. É uma síntese dessa visão que ora exponho.

Os dois contemporâneos que mais informações nos deixaram sobre Catilina foram Cícero e Salústio. O relato deste merece destaque no presente estudo e será explorado separadamente no próximo item. Além desses, vale citar Quinto Cícero, irmão do orador, pelo *commentariolum petitionis*, em que faz referências ao então concorrente do irmão. Começo, então, por Cícero, principal rival de Catilina antes e durante a conjuração.

Considerados até hoje a principal fonte sobre a conjuração e seu líder, os quatro discursos de Cícero, intitulados *In Catilinam*, foram proferidos no Senado à medida que o cônsul desbaratava a conspiração (o primeiro data de 8 de novembro de 63 a.C e o último, de 5 de dezembro do mesmo ano), embora redigidos três anos depois, segundo Édouard BAILLY<sup>64</sup>.

Não cabe aqui um estudo pormenorizado de tamanha obra, mas vale lembrar que Cícero traça seu retrato de Catilina, com riqueza de detalhes sobre planos, locais e atos, no primeiro discurso, do qual extraí o trecho que se segue:

*1. Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quandiu etiam furor iste tuus nos eludet? Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia? Nihilne te nocturnum praesidium Palati, nihil urbis uigiliae, nihil timor populi, nihil concursus bonorum omnium, nihil hic munitissimus habendi senatus locus, nihil horum ora uoltusque mouerunt? Patere tua consilia non sentis? Constrictam iam horum omnium scientia teneri coniurationem tuam non*

---

<sup>64</sup> BAILLY, Édouard. Introduction. *In: CICÉRON. Discours*. Tome X. Catilinaires Texte établi par H. Bornecque et traduit par E. Bailly. Paris: Les Belles Lettres. 1926. p.VII.



*uides? Quid proxima, quid superiore nocte egeris, ubi fueris, quos conuocaueris, quid consili ceperis, quem nostrum ignorare arbitraris?*

*2. O tempora! O mores! Senatus haec intellegit, consul uidet; hic tamen uiuit. Viuit? Immo uero etiam in senatum uenit, fit publici consili particeps, notat et designat oculis ad caedem unumquemque nostrum. Nos autem, fortes uiri, satis facere rei publicae uidemur, si istius furorem ac tela uitamus. Ad mortem te, Catilina, duci iussu consulis iam pridem oportebat, in te conferri pestem, quam tu in nos omnis iam diu machinaris.*

*9(b). Fuisti igitur apud Laecam illa nocte, Catilina; distribuisti partis Italiae; statuisti quo quemque proficisci placerent; delegisti quos Romae relinqueres, quos tecum educeres; discripsisti urbis partis ad incendia; confirmasti te ipsum iam esse exiturum; dixisti paulum tibi esse etiam nunc morae, quod ego uiuerem. Reperti sunt duo equites Romani qui te ista cura liberarent et se illa ipsa nocte paulo ante lucem me in meo lecto interfecturos esse pollicerentur.<sup>65</sup>*

Até quando, enfim, Catilina, abusarás de nossa paciência? Por quanto tempo este teu furor nos escapará? Até aonde te levará tua audácia desenfreada? Nem a guarda noturna do Palatino, nem as vigílias da cidade, nem o temor do povo, nem o concurso de todos os bons, nem este protegidíssimo local do senado, nem os rostos e as palavras destes te perturbaram? Não sentes padecerem teus concílios? Não vês que tua conjuração já foi apanhada pelo conhecimento de todos estes? O que fizeste na noite de ontem, e na anterior, onde foste, quem convocaste, que decisão tomaste, quem dentre nós julgas ignorar?

Ó tempos! Ó costumes! Este senado percebe, o cônsul vê; este, entretanto vive. Vive? E, além disso, na verdade, vem ao Senado, faz-se participante do Conselho Público, acena e designa com os olhos cada um de nós para a morte. Nós, porém, homens corajosos, parecemos fazer bastante pela república, se o furor e as armas deste evitarmos. Para a morte, tu, Catilina, seres conduzido por ordem do cônsul há tempo era preciso, ser atirada contra ti a calamidade que tu há muito maquinavas contra todos nós.

Foste, pois, à casa de Leca naquela noite, Catilina; distribuístes as partes da Itália; estabeleceste quem te satisfaria partindo para onde; escolheste os que deixarias em Roma, os que levarias contigo; apontaste as partes da cidade para os incêndios;

---

<sup>65</sup> CICERON, M. T. *Discours*. Paris: Les Belles Lettres p.5-6

confirmaste que tu mesmo logo sairias, disseste haver ainda agora um pouco de demora para ti porque eu vivia. Dois cavaleiros romanos foram encontrados que te livrariam deste cuidado e prometeriam que haveriam de matar-me naquela mesma noite, pouco antes do amanhecer, em meu leito.

A segurança demonstrada por Cícero ao denunciar os planos de Catilina revela seu conhecimento sobre os mesmos. O cônsul o vê como um assassino cujo crime, contra a república romana, deveria custar-lhe a vida. As datas, os lugares e as atitudes de Catilina e seus comparsas coincidem com aquelas apresentadas por Salústio no *De coniuratione Catilinae*. Embora o historiador não revele sua fonte, deveria ter em mãos os discursos de Cícero, acessíveis e conhecidos demais para que Salústio os adequasse à estrutura de sua monografia<sup>66</sup>.

Os demais discursos tratam, respectivamente, da partida de Catilina e dos demais conjurados, da captura do bando de Catilina, e, o último, dos debates acerca da sorte dos conjurados e da decisão pela pena de morte.

É interessante notar - e quem o faz é CANFORA<sup>67</sup> - que o epistolário de Cícero ("fonte não controlada pelo autor") contém declarações que põem em dúvida a idoneidade do político, revelando, por exemplo, que este se preparava para defender Catilina quando ele voltou da África com um processo por extorsão. O então rival na campanha eleitoral poderia ter se tornado um aliado<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> KENNEY y CLAUSEN. *Op.cit.* p.309

<sup>67</sup> CANFORA. *Op.cit.* p.64.

<sup>68</sup> Cf. *Cartas a Ático* I,2, conforme citado por CANFORA, *Op.cit.* p.64

Destaco, ainda, que Cícero atribui a culpa da conjuração a Crasso e César, conforme Plutarco (*Crassus* 13.3), citado por STONE<sup>69</sup>.

Ainda assim, o retrato que Cícero nos legou de Catilina foi sempre o do político corrupto, criminoso sem escrúpulos, movido por uma desenfreada ambição de poder, conforme o delineou nas *Catilinárias*.

Quinto Túlio Cícero, irmão do orador, também político (foi edil, pretor e governou a província da Ásia<sup>70</sup>), escreveu-lhe sobre como deveria proceder nas campanhas eleitorais para que fosse eleito cônsul, destacando não apenas os méritos do irmão, mas também os deméritos dos concorrentes Antônio e Catilina. Cito, então, o trecho que diz respeito a este último, para comentá-lo em seguida:

*II.9 Ater uero, di boni! Quo splendore est? Primum nobilitate eadem (qua Catilina). Num maiore? Non. Sed uirtute. Quamobrem? Quod Antonius umbram suam metuit, hic ne leges quidem! Natus in patris egestate, educatus in sororis stupris, corroboratus in caede ciuium, cuius primus ad rem publicam aditus in equitibus R. occidendis fuit - nam illis quos meminimus Gallis, qui tum Titinorum ac Nanneiorum ac Tanusiorum capita demetebant, Sulla unum Catilinam praefecerat. In quibus ille hominem optimum, Q. Caecilium, sororis suae uirum, equitem Romanum, nullarum partium, cum semper natura tum etiam aetate iam quietum, suis minibus occidit.*

*III.10 Quid ego nunc dicam petere eum tecum consulatum qui hominem carissimum populo Romano, M. Marium, inspectante populo Romano uitibus per totam urbem ceciderit, ab bustum egerit, ibi omni cruciatu lacerarit, uiuo stanti collum gladio sua dextera secuerit, cum sinistra capillum eius a uertice teneret, caput sua manu tulerit, cum inter digitos eius riui sanguinis fluerent; qui postea cum*

---

<sup>69</sup> STONE. *Op.cit.* p.487

<sup>70</sup> LIMA, Ricardo da Cunha. *Op.cit.* p.10

*histrionibus et cum gladiatoribus ita uixit ut alteros libidinis, alteros facinoris adiutores haberet; qui nullum in locum tam sanctum ac tam religiosum accessit in quo non, etiam si in aliis culpa non esset, tamen ex sua nequitia dedecoris suspicionem relinqueret; qui ex curia Curios et Annios, ab atriis Sapalas et Caruilios, ex equestri ordine Pompilios et Vettios sibi amicissimos comparauit; qui tantum habet audaciae, tantum nequitiae, tantum denique in libidine artis et efficacis, ut prope in parentum gremiis praetextatos liberos constuprarit!*

*Quid ego nunc tibi de Africa, quid de testium dictis scribam? Nota sunt, et ea tu saepius legito.*

*Sed tamen hoc mihi non praetermittendum uidetur, quod primum ex eo iudicio tam egens discessit quam quidam iudices eius ante illud iudicium fuerunt, deinde tam iuidiosus ut aliud in eum iudicium cottidie flagitetur.*

*Hic se sic habet ut magis timeant, etiam si quierit, quam ut contemnant, si quid commouerit.*

II.9 Quanto ao outro - bons deuses! - que glória tem?

Primeiro, sua origem aristocrática é a mesma de Antônio. Não é mais elevada? Não! Mas há a coragem! Como assim? É que Antônio tem medo da própria sombra, e Catilina, nem mesmo das leis!

Nascido em meio à miséria do pai, educado em meio às orgias da irmã, crescido em meio à matança de cidadãos, seu ingresso na vida pública se deu pelo assassinato de cavaleiros romanos - de fato, para comandar aqueles gauleses dos quais nos lembramos bem, que na ocasião decapitaram Titínio, Naneio e Tanúsio, Sula encarregou Catilina e mais ninguém. Entre outros, ele matou com suas próprias mãos um homem excelente, Quinto Cecílio, marido de sua própria irmã, um cavaleiro romano, de posição política neutra, que sempre foi pacífico por natureza e, àquela altura, também pela idade.

III.10 Que mais eu preciso dizer? Esse que concorre com você ao consulado é quem surrou com chibatadas um homem profundamente querido pela população de Roma, Marco Mário, atravessando a cidade inteira diante dos olhos do povo romano, até atirá-lo sobre um túmulo, onde o dilacerou com todo tipo de tortura, e então, como ele permanecesse vivo, com a espada em sua mão direita rasgou-lhe o pescoço, enquanto com a esquerda segurava-lhe os cabelos a prumo, e com sua própria mão carregou a cabeça, enquanto golfadas de sangue escorriam por entre seus dedos; é quem, depois disso, viveu cercado de atores e gladiadores, para ter os primeiros como cúmplices de sua luxúria, e os segundos, de seus crimes; é

quem, onde quer que entrasse, por mais santo e religioso que fosse o local, lançava sobre ele a suspeita de ter sido profanado e corrompido por sua sordidez, mesmo se os outros presentes fossem pessoas honestas; é quem tomou como melhores amigos, no Senado, os Cúrios e Ânios, no comércio, os Sapalas e Carvílios, na ordem eqüestre, os Pompílios e Vétios; é quem possui tão grande petulância, tão grande sordidez, tão grande conhecimento e prática da devassidão, em suma, que chegou a estuprar jovens adolescentes praticamente na cara de seus pais!

Será que preciso lhe escrever sobre a África, sobre os depoimentos das testemunhas? Eles são bem conhecidos, leia-os você mesmo, muitas e muitas vezes.

O próximo ponto, porém, eu não posso deixar de fora: o fato de que ele, em primeiro lugar, saiu daquele julgamento tão empobrecido quanto eram os jurados antes do julgamento e, ademais, tão odiado, que diariamente se clamava por um novo julgamento contra ele.

Ele se encontra numa tal situação que é mais temido, mesmo quieto, do que desprezado, se causa problemas.<sup>71</sup>

Sobre essa exposição de Catilina, vale destacar a menção que Quinto Cícero faz à coragem (*uirtus*) de Catilina, uma vez que considero este predicado bastante útil à construção do retrato a que me propus. Além disso, é o único traço positivo apresentado. Talvez o autor desejasse enfatizar a vileza do caráter de Catilina, destacando, para tanto, todos os crimes a que ele esteve ligado no passado, quando do domínio de Sila, e no presente, pela compra dos jurados que insinua, por exemplo.

Quinto Cícero nos lega o pior Catilina da história, por meio de uma descrição rica em detalhes sórdidos (orgias, torturas, assassinatos, estupros) sobre sua vida particular e pública.

---

<sup>71</sup> A tradução é de Ricardo da Cunha Lima. *Op.cit.* p.24-27. Os grifos são meus.

Interpreto seu retrato como uma forma didática de mostrar ao irmão os pontos que deveria atacar no concorrente, ou seja, o conjunto de suas falhas. Quanto à coragem, interessava mencioná-la para que Cícero se precavesse, porque Catilina não mediria esforços para tomar o poder.

### 3.3 Catilina protagonista em Salústio

Salústio é o primeiro historiador romano a traçar retratos das personagens. Suas caracterizações não são sutis, mas enérgicas, conforme MELLOR<sup>72</sup>. Essas duas afirmações podem ser complementadas pela de ROSTAGNI<sup>73</sup>, segundo a qual o retrato é mais moral do que físico, já que o interesse é mostrá-lo como um produto do tempo.

Esse retrato começa no capítulo V, no qual o historiador já destaca alguma virtude em meio a tanto vício:

*V- Lucius Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque. Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia ciuilis grata fuere, ibique iuuentutem suam exercuit. Corpus patiens inediae, algoris, uigiliae, supra quam cuiquam credibile est. Animus audax, subdolos, uarius, cuius rei lubet, simulator ac dissimulator; alieni adpetens, sui profusus; ardens in cupiditatibus; satis eloquentiae, sapientiae parum. Vastus animus inmoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat. Hunc post dominationem L. Sullae lubido maxuma inuaserat rei publicae capiundae, neque id*

---

<sup>72</sup> MELLOR. *Op. cit.* p. 45

<sup>73</sup> ROSTAGNI. *Op. cit.* p. 268

*quibus modis adsequeretur, dum sibi regnum pararet, quicquam pensi habebat. Agitabatur magis magisque in dies animus ferox inopia rei familiaris et conscientia scelerum, quae utraque is artibus auxerat quas supra memmoravi. Incitabant praeterea corrupti ciuitatis mores, quos pessuma ac diuorsa inter se mala, luxuria atque auaritia, uexabant.*

V- Lúcio Catilina, nascido de família nobre, foi de grande força tanto espiritual quanto física, mas de natureza má e depravada. Desde a adolescência lhe foram agradáveis as guerras intestinas, os massacres, as pilhagens, as discórdias dos cidadãos, e nessas coisas passou sua juventude. O corpo capaz de suportar a fome, o frio, a vigília, além do que se pode acreditar. O espírito audacioso, enganador, inquieto, de qualquer coisa simulador e dissimulador; desejoso dos bens alheios, dissipador dos seus; ardente nas paixões; bastante eloqüente, pouco sábio. Seu espírito desmesurado desejava sempre as coisas impossíveis, as inacreditáveis, as excessivamente altas. Depois da ditadura de L. Sila, um desejo extremo de tomar o poder o invadira, e não se preocupava com os meios pelos quais o obtivesse, desde que tomasse para si o trono. Seu espírito feroz era cada vez mais agitado pela penúria de seu patrimônio e pela consciência de seus crimes, ambas as quais ele agravara pelas condutas que acima recordei. Incitavam-no, além disso, os costumes corruptos da cidade, os quais eram arruinados pelo luxo e pela avareza, vícios terríveis embora contrários entre si.<sup>74</sup>

Salústio inclui na descrição de Catilina sua origem nobre, sua força e sua determinação; atribui a Sila alguma importância na formação corrupta de Catilina, sem pretender, entretanto, livrar seu protagonista de todas as acusações que sua época já havia imputado a ele.

Não há detalhes sobre os hábitos ou os crimes de Catilina nesse primeiro momento. Salústio privilegia a *breuitas* (preocupação constante no autor, segundo SALENGUE<sup>75</sup>) e consegue, assim, mostrar-se imparcial ao

<sup>74</sup> Todas as citações do *De coniuratione Catilinae* são da edição *Les belles lettres* da obra de Salústio. Todas as traduções e grifos são meus.

<sup>75</sup> SALENGUE, Jacyára Ribeiro. Salústio: historiador e artista - o Bellum

descrever seu personagem, empregando para tanto apenas o essencial, de modo claro e preciso.

Concordo com MELLOR quando ele afirma que, “embora Catilina seja introduzido como um réprobo completamente corrupto, cuja culpa nunca é questionada, Salústio ocasionalmente permite que uma certa nobreza emerja”<sup>76</sup>. É essa “nobreza” que me permitiu entender Catilina como um híbrido de herói e vilão, idéia condutora deste estudo e que retomo no último item.

O único trecho que contém descrições físicas é o que se segue, no qual Salústio delinea a loucura que ele acreditava dominar Catilina, a partir de seu comportamento e fisionomia:

*XV- Iam primum adulescens Catilina multa nefanda stupra fecerat, cum uirgine nobili, cum sacerdote Vestae, alia huiusmodi contra ius fasque. Postremo captus amore Aureliae Orestillae, cuius praeter formam nihil umquam bonus laudavit, quod ea nubere illi dubitabat, timens priuignum adulta aetate, pro certo creditur necato filio uacuum domum scelestis nuptiis fecisse. Quae quidem res mihi in primis uidetur causa fuisse facinus maturandi. Namque animus impurus, dis hominibus infestus, neque uigiliis neque quietibus sedari poterat; ita conscientia mentem excitam uastabat. Igitur colos ei exsanguis, foedi oculi, citus modo, modo tardus incessus; prorsus in facie uoltuque uecordia inerat.*

XV- Já no início, Catilina adolescente cometera muitas desonras nefandas, com uma nobre virgem, com uma sacerdotisa Vestal, e dessa maneira outras contra lei humana e divina. Enfim, tomado de amor por Aurélia Orestila, em quem homem de bem jamais louvou nada além da forma, como ela hesitasse em casar-se com ele, temendo o enteado em idade adulta, é tido como certo que, assassinado o filho, tivesse aberto a casa às núpcias infames. Fato que me parece certamente ter sido, antes de tudo, a causa do amadurecimento do crime. De fato, o espírito impuro,

---

Iugurthinum. In: *Calíope*. Ano III, n4. Jan/Jun 1986. UFRJ.p.88

<sup>76</sup> MELLOR. *Op.cit.* p.37



hostil aos deuses e homens, nem nas vigílias nem nos repouso podia se acalmar; assim, a consciência devastava a mente agitada. Por isso sua cor pálida, os olhos horríveis, o passo ora rápido, ora pesado; enfim, no rosto e na fisionomia a loucura se mostrava.

Ainda assim, o físico surge como consequência do psicológico, ou, moral. Os crimes aqui enumerados (*nefanda stupra, scelestis nuptiis*) preparam-no para a empresa a que se propunha (*causa fuisse facinus maturandi*), segundo o historiador, e, tendo devastado sua mente, atingiram, por fim, sua aparência.

Esse encadeamento ilustra uma relação de causalidade, ficcionalizada pelo autor ao longo da obra, segundo, dentre outros, sua memória, conforme Miriam GOETTEMS, para quem “o objetivo precípua (de Salústio) é mostrar a existência de uma relação de causa e efeito que explica os fatos (...)”<sup>77</sup>.

O historiador separa sua opinião pessoal (*res mihi uidetur*) daquilo que era tido como fato (*pro certo creditur*) à sua época, deixando o julgamento final a cargo do leitor, reiterando sua intenção de ser imparcial.

Ao inserir a conjuração de Catilina no contexto mais amplo da crise geral por que passava a república romana, Salústio destaca o papel da cidade e das companhias na formação do caráter individual. Os capítulos XIV e XXIV, a seguir, ilustram tal aspecto:

---

<sup>77</sup> GOETTEMS, Míriam Barcellos. Considerações preliminares sobre o jogo antitético na historiografia de Salústio. In: *Revista Clássica* suplemento 2. Araraquara: SBEC. 1993

XIV- In tanta tamque corrupta ciuitate Catilina, id quod factu facillum erat, omnium flagitiorum atque facionorum circum se tamquam stipatorum cateruas habebat. Nam quicumque inpudicus, adulter, ganeo, manu, uentre, pene, bona patria lacerauerat, quique alienum aes grande conflauerat quo flagitium aut facinus redimeret, praeterea omnes undique parricidae, sacrilegi, conuicti iudiciis aut pro factis iudicium timentes, ad hoc quos manus atque lingua periurio aut sanguine ciuili alebat, postremo omnes quos flagitium, egestas, conscius animus exagitabat, ei Catilinae proximi familiaresque erant. Quod si quis etiam a culpa uacuis in amicitiam eius inciderat, cottidiano usu atque illecebris facile par similisque ceteris efficiebatur. Sed maxime adulescentium familiaritates adpetebat; eorum animi molles etiam et aetate fluxi dolis haud difficulter capiebantur. Nam ut cuiusque studium ex aetate flagrabat, aliis scorta praebere, aliis canes atque equos mercari, postremo neque sumptui neque modestiae suae parcere dum illos obnoxios fidosque sibi faceret. Scio fuisse nonnullos qui ita existumarent iuuentutem, quae domum Catilinae frequentabat, parum honeste pudicitiam habuisse; sed ex aliis rebus magis quam quod cuiquam id compertum foret haec fama ualebat.

XIV- Em tão grande e tão corrupta cidade, Catilina, tinha ao seu redor e como guarda pessoal bandos de todas as torpezas e crimes, o que era facilimo de fazer. De fato, quem quer que, impudico, adúltero, devasso, tivesse dilapidado os bens paternos pela mão, pelo ventre, pelo sexo, aquele que contraíra grande dívida, a qual redimisse desonra e crime, além daqueles parricidas de todas as partes, profanadores, condenados pelos tribunais ou temendo a justiça pelos seus atos, além daqueles que mão e língua alimentavam pelo perjúrio ou pelo sangue civil, enfim todos a quem o crime, a desonra, o espírito consciente atormentavam, estes eram próximos e familiares de Catilina. Se alguém, mesmo que livre de culpa, caísse na amizade deles, pela intimidade cotidiana e pela sedução fácil se tornava companheiro e semelhante aos outros. Mas Catilina procurava obter principalmente as amizades dos jovens; seus espíritos ainda fracos e tenros pela idade eram tomados sem dificuldade pelos dolos. De fato, como a paixão ardia nesses por causa da idade, oferecia prostitutas a uns, a outros comprava cães e cavalos, enfim nem despesa nem seu pudor economizava, até que os fizesse submissos e fiéis a si. Sei que houve alguns que assim considerassem a juventude que freqüentava a casa de Catilina pouco

casta; porém, esse rumor tinha poder mais por outras coisas do que por ter sido considerado verdadeiro.

XXIV- Ea tempestate plurimos cuiusque generis homines adsciuisse sibi dicitur, mulieres etiam aliquot, quae primo ingentis sumptus stupro corporis tolerauerant, post, ubi aetas tantummodo quaestui neque luxuriae modum fecerat, aes alienum grande conflauerant. Per eas se Catilina credebat posse seruitia urbana sollicitare, urbem incendere, uiros earum uel adiungere sibi uel interficere.

XXIV- Nessa época, é dito ter associado a si muitos homens de todo gênero, e também quaisquer mulheres, as quais no princípio sustentavam as grandes despesas com a prostituição do corpo, depois, quando a idade fizera moderado apenas o ganho e não o luxo, contraíram grande dívida. Catilina acreditava poder, através delas, corromper os escravos urbanos, incendiar a cidade, associar a si seus maridos ou assassiná-los.

Roma (*tanta tamque corrupta ciuitate*) oferecia, portanto, as condições ideais para o desenvolvimento de más índoles que, impunes, fortaleciam-se e agrupavam-se em torno de um líder que a todos subornava (*aliis scorta praebere, aliis canes atque equos mercari*) e aos jovens corrompia.

Há uma insistência do autor quanto à fraqueza da juventude para a corrupção. Em seu discurso, a pouca idade torna o indivíduo presa fácil, o que pode ser visto como uma justificativa para os próprios atos cometidos no passado pelo Salústio político, jovem e inexperiente, recém-chegado à já corrupta Roma.

Salústio reafirma a heterogeneidade dos cúmplices de Catilina, ao retomar o tópico no capítulo XXIV, delineando a amplitude do projeto a partir do objetivo de cada aliança consolidada e dos frutos que dela poderiam surgir. Não exclui classe, sexo nem origem, desde que os partícipes fossem solidários na empresa.

STEWART<sup>78</sup> acredita na identificação de alguns grupos enumerados por Salústio com aqueles já apontados por Cícero<sup>79</sup>. A sociedade falida, corrupta e criminosa, composta, sobretudo, de aristocratas, fazendeiros e toda sorte de pessoas insatisfeitas ou prejudicadas desde as proscricções de Sila, parece compor, para ambos os autores, a massa aliada a Catilina.

Ainda segundo a autora, embora Cícero acusasse Catilina de ter incitado os escravos em Roma, nunca sugeriu que ele tivesse usado os escravos rurais<sup>80</sup>, idéia corroborada por Salústio, no seguinte trecho do *De coniuratione Catilinae*:

LVI- (...) *Sed postquam Antonius cum exercitu aduentabat, Catilina per montis iter facere; modo ad urbem, modo Galliam uorsus castra mouere; hostibus occasionem pugnandi non dare: sperabat propediem magnas copias sese habiturum, si Romae socii incepta patrauissent. Interea seruitia repudiabat, cuius initio ad eum magnae copiae concurrebant, opibus coniurationis fretus, simul alienum suis rationibus existumans uideri causam ciuium cum seruis fugitiuis communicauisse.*

LVI- (...) Mas depois que Antônio tinha se aproximado com o exército, Catilina se pôs a viajar pelos montes; ora para a cidade, ora para os lados da Gália dirigia os acampamentos; não dava aos inimigos ocasião de lutar: esperava em breve grandes tropas ter consigo, se os companheiros de Roma tivessem executado os planos. Enquanto isso, repudiava os escravos, que a ele acorriam em grandes quantidades no início, confiante nos poderes da conjuração, ao mesmo tempo julgando parecer estranho aos seus interesses que associasse a causa dos cidadãos com a de servos fugitivos.

---

<sup>78</sup> STEWART. *Op.cit.* p.68

<sup>79</sup> Cf. item 2.4

<sup>80</sup> STEWART. *Op.cit.* p.70

O exemplo nos mostra um Catilina seletivo em relação aos sócios, talvez pela iminência da luta e pela necessidade de cúmplices atuantes e engajados na causa, o que não se dera no início.

As atitudes de Catilina revelam a forte personalidade do líder, sua disposição para luta e interesse na república. Salústio deixa transparecer tais méritos ao retratar seu protagonista, sem, no entanto, transformá-los em atenuantes para os crimes. Os dois trechos abaixo exaltam essas qualidades:

*XVII- Igitur circiter Kalendas Iunias, L. Caesare et C. Figulo consulibus, primo singulos appellare, hortari alios, alios temptare; opes suas, inparatam rem publicam, magna praemia coniurationis docere. Ubi satis explorata sunt quae uoluit, in unum omnis conuocat quibus maxuma necessitudo et plurimum audaciae inerat.*

XVII- Por isso, próximo das calendas de junho, sendo cônsules L. César e G. Fígulo, primeiro chamou um a um, encorajou outros, seduziu outros; mostrou suas riquezas, a república despreparada, os grandes prêmios da conjuração. Quando foram acertadas suficientemente as coisas que queria, convocou para uma única reunião todos para os quais havia grande necessidade e muita audácia.

*LVII- (...) Sed Catilina, postquam uidet montibus atque copiis hostium sese clausum, in urbe res aduersas, neque fugae neque praesidi ullam spem, optimum factu ratus in tali re fortunam belli temptare, statuit cum Antonio quam primum conflagere.*

LVII- (...) Mas Catilina, logo que se vê fechado pelos montes e pelas tropas inimigas; na cidade, derrotas, nenhuma esperança de fuga ou proteção, pensando que a melhor coisa em tal situação era tentar a sorte da guerra, decidiu lutar com Antônio o quanto antes.

Os verbos empregados por Salústio enfatizam a firmeza de Catilina no pensar, no decidir, no agir, enfim. Ele desempenha com segurança e competência o papel de líder da conjuração.

É interessante notar como Salústio defende Catilina, conscientemente ou não, dos rumores e versões que proliferavam sobre a conspiração à época do historiador. Não são poucas as vezes em que aparecem na construção expressões indeterminadoras do sujeito acompanhando revelações cuja veracidade fosse questionável para o autor. Destaco um exemplo, no capítulo XXII:

*XXII- Fuere ea tempestate qui dicerent Catilinam, oratione habita, cum ad iusiurandum popularis sceleris sui adigeret, humani corporis sanguinem uino permixtum in pateris circumtulisse; inde cum post exsecrationem omnes degustuissent, sicuti in sollempnibus sacris fieri cosuevit, aperuisse consilium suum, atque eo dictare fecisse quo inter se fidi magis forent, alius alii tanti facinoris conscii. Nonnulli ficta et haec et multa praeterea existumabant ab eis qui Ciceronis inuidiam, quae postea orta est, leniri credebant atrocitate sceleris eorum qui poenas dederant. Nobis ea res pro magnitudine parum comperta est.*

XXII- Houve nessa época quem dissesse que Catilina, terminado o discurso, quando levasse seus companheiros de crime a prestar juramento, teria feito circular sangue de corpo humano misturado ao vinho nas taças; logo que todos tinham degustado, após a execração, como costumava ser feito nas cerimônias solenes, teria revelado seu plano, e teria feito isso para que fosse maior a fidelidade entre eles, cientes uns e outros de tamanho crime. Alguns julgavam inventadas essas e muitas outras histórias por aqueles que acreditavam amenizar o ódio que, posteriormente, surgiu contra Cícero, pela atrocidade do crime daqueles que foram castigados. Para nós, o fato, pela sua magnitude, é pouco esclarecido.

Talvez fosse apenas um meio de se mostrar imparcial ao apresentar os fatos, ou de reforçar o compromisso com a verdade assumido no início da narrativa, ou, ainda, de incluir no seu texto as fontes não documentais a que teve acesso, fossem elas oriundas de relatos orais colhidos pelo historiador ou de sua própria memória.

Se Salústio não se ocupa exclusivamente de seu protagonista ao longo da obra, ele nunca deixa de ser o eixo da narrativa, ainda segundo ROSTAGNI, que assim o coloca: “sempre, presente ou ausente, Catilina está no centro da ação. Ao seu redor encontram-se outros personagens notáveis, que representam momentos, ou aspectos, ou tendências particulares(...)”<sup>81</sup>.

Desta forma, é a partir de Catilina que Salústio constrói todo o seu texto. Digressões, retratos, e discursos entram na composição da primeira monografia histórica romana, voltada, ainda, para a denúncia de uma crise e suas possíveis causas e conseqüências.

Personagem complexa e cuidadosamente construído, o protagonista Catilina é em Salústio um híbrido de herói e vilão, espelho fiel, talvez, da sociedade que o criou. Em seus discursos, Cícero desvelou-nos o réprobo, enquanto Salústio nos legou os méritos e as misérias do homem comum.

---

<sup>81</sup> ROSTAGNI. *Op.cit.* p.269

### 3.4 Catilina pelos seus discursos

Salústio dá voz a Catilina em três momentos ao longo da obra: em uma carta a Catulo e em dois discursos aos seus adeptos. Pela análise dessas falas pretendo traçar também um perfil do protagonista.

É parte do estilo de Salústio - herdado de Tucídides, provavelmente - atribuir falas aos personagens por meio de discursos, conferindo vivacidade e dramaticidade à narrativa. No *De coniuratione Catilinae* Salústio reproduz<sup>82</sup> quatro discursos: dois de Catilina aos seus comparsas e dois no Senado, um de César outro de Catão, sobre a sorte dos conjurados.

Embora constituam o ápice da obra, os discursos de César e Catão não serão estudados no momento, posto que tratam da pena de morte em si, não dos personagens, fugindo ao âmbito da proposta de caracterização de Catilina.

Começo, portanto, citando, na íntegra, o primeiro discurso de Catilina aos companheiros, apresentado no capítulo XX do *De coniuratione Catilinae*, para analisá-lo em seguida:

XX- *"Ni uirtus fidesque uostra satis spectata mihi forent, nequiquam opportuna res cecidisset; spes magna, dominatio in manibus frustra fuissent, neque ego per ignauiam aut uana ingenia incerta pro certis*

---

<sup>82</sup> Embora a autenticidade dos discursos seja questionável, o historiador diz na própria obra que se trata de reprodução o mais fiel possível do que fora dito. No capítulo XX, antes de iniciar o discurso, afirma: (...) *orationem huiuscemodi habuit*. Sobre a carta, no capítulo XXXV, diz: *Earum exemplum infra scriptum est*. Volta a repetir (...) *huiuscemodi orationem habuit* no capítulo LII, antes do discurso de Catão e no LVIII, antes do último discurso de Catilina. A frase (...) *huiuscemodi uerba locutus est* introduz o discurso de Julio César, no capítulo L.



captarem. Sed quia multis et magnis tempestatibus uos cognoui fortis fidosque mihi, eo animus ausus est maxumum atque pulcherrumum facinus incipere, simul quia uobis eadem que mihi bona malaque esse intellexi: nam idem uelle atque idem nolle, ea demum firma amicitia est.

Sed ego quae mente agitau i omnes iam antea diuorsi audistis. Ceterum mihi in dies magis animus accenditur, cum considero quae condicio uitae futura sit, nisi nosmet ipsi uindicamus in libertatem. Nam postquam res publica in paucorum potentium ius atque dicionem concessit, semper illis reges, tetrarchae uectigales esse, populi, nationes stipendia pendere; ceteri omnes, strenui, boni, nobiles atque ignobiles, uolguis fuimus sine gratia, sine auctoritate, eis obnoxii quibus, si res publica ualeret, formidini essemus. Itaque omnis gratia, potentia, honos, diuitiae apud illos sunt aut ubi illi uolunt; nobis reliquere repulsas, pericula, iudicia, egestatem. Quae quousque tandem patiemini, o fortissimi uiri? Nonne emori per uirtutem praestat quam uitam miseram atque inhonestam, ubi alienae superbiae ludibrio fueris, per dedecus amittere? Verunt enim uero, pro deum atque hominum fidem, uictoria in manu nobis est. Viget aetas, animus ualet; contra illis annis atque diuitiis omnia consenuerunt. Tantum modo incepto opus est; cetera res expediet. Etenim quis mortalium, cui uirile ingenium est, tolerare potest illis diuitias superare quas profundant in exstruendo mari et montibus coaequandis, nobis rem familiarem etiam ad necessaria deesse? illos binas aut amplius domos continuare, nobis larem familiarem nusquam ullum esse? Cum tabulas, signa, toreumata emunt, noua diruunt, alia aedificant, postremo omnibus modis pecuniam trahunt, uexant, tamen summa lubidine diuitias suas uicere nequeunt. At nobis est domi inopia, foris aes alienum, mala res, spes multo asperior; denique, quid relicui habemus, praeter miseram animam?

Quin igitur expergiscimini? En illa, illa quam saepe optastis, libertas; praeterea diuitiae, decus, gloria in oculis sita sunt; fortuna omnia ea uictoribus praemia posuit. Res, tempus, pericula, egestas, belli spolia magnifica magis quam oratio mea uos hortantur. Vel imperatore uel milite me utimini; neque animus neque corpus a uobis aberit. Haec ipsa, ut spero, uobiscum una consul agam, nisi forte me animus fallit et uos seruire magis quam imperare parati estis."

XX- Vossa coragem e fidelidade não fossem bastante conhecidas para mim, inutilmente teria surgido a condição favorável; em vão teriam sido nossa grande

esperança, o poder em nossas mãos, e nem eu teria tomado, pela indolência ou naturezas vãs, as coisas incertas no lugar das certas. Mas como em muitos e grandes momentos conheci vossa força e fidelidade a mim, por isso meu espírito ousou iniciar feito máximo e bellissimo, ao mesmo tempo em que entendi que as coisas boas e más para mim também o eram para vós; na verdade, o mesmo desejar e o mesmo evitar, justamente nisso está a amizade sólida.

Mas as coisas que eu tenho em mente todos já ouvistes, separados, anteriormente. De resto meu espírito é inflamado a cada dia, quando considero qual será a condição futura de vida, se nós mesmos não reclamarmos a liberdade. Na verdade, depois que o governo passou a justiça e a autoridade ao poder de poucos, sempre a eles, os reis e tetrarcas são devedores, povos e nações pagam tributos; todos os outros, corajosos, bons, nobres e desconhecidos fomos a massa sem reconhecimento, sem autoridade, a eles submissos, eles pelos quais teríamos sido temidos, se o governo fosse forte. E assim todo crédito, poder, honra e riquezas estão junto daqueles ou onde eles querem; para nós deixaram derrotas, perigos, julgamentos, penúria. Até quando enfim suportareis tais coisas, oh bravíssimos homens? Não é preferível morrer pela coragem do que, pela vergonha, levar uma vida mísera e desonrosa, na qual fôsseis juguete do orgulho alheio? Mas em verdade, por Deus e pela fé dos homens, a vitória está em nossas mãos. A idade vigora, o espírito é capaz; contra eles os anos e as riquezas envelheceram a todos. Somente o início é necessário; o resto virá em acréscimo. E com efeito quem dos mortais, cuja natureza seja viril, pode tolerar que para eles abundem riquezas, as quais dissipam construindo no mar e nivelando montes, enquanto para nós falte recurso mesmo para as coisas necessárias? Eles constróem duas ou mais casas, para nós em nenhuma parte algum lar? Embora comprem quadros, estátuas, vasos, destruam coisas novas, edifiquem outras, enfim gastem o dinheiro de todas as formas, dilapidem, ainda assim não conseguem, pelo mais alto desejo, dar fim às suas riquezas. Mas para nós, em casa está a miséria, do lado de fora, a dívida; a má situação, a esperança muito mais difícil; enfim, o que temos de resto, exceto o mísero espírito?

Por que então não vos desperteis? Ei-la, ela que muitas vezes desejastes, a liberdade; além disso, as riquezas, a honra e a glória estão ao alcance dos olhos; a fortuna aos vencedores todos esses prêmios preparou. A situação, o momento, os perigos, a penúria, os magníficos espólios de guerra vos encorajam mais que o meu discurso. Tendes a mim como chefe ou soldado; nem o espírito nem o corpo de vós

se afastará. Essas coisas mesmas, assim espero, convosco eu faça uma vez cônsul, a não ser que por acaso meu espírito se engane e vós estejais preparados mais para servir do que para mandar.

Catilina já havia se dirigido a cada um dos partícipes individualmente, como ele próprio lembra no início da fala, em *Sed ego quae mente agitavi omnes iam antea diuorsi audistis*. Qual seria, então a necessidade de tamanho discurso?

Pelo conteúdo e, principalmente, pela gradação ao longo da fala, percebe-se a função exortativa do discurso. Catilina confia nos companheiros (*ni uirtus fidesque uostra satis spectata mihi forent*) e acredita na vitória (*uictoria in manus nobis est*), mostra os vícios da república romana desde que entregue ao *paucorum potentium*, que considera seu principal alvo, e exalta a desejada *libertas*. São esses os quatro pilares do inflamado discurso.

Catilina classifica sua empresa de *maximum atque pulcherrimum facinus*, diz-se preocupado com um futuro que só poderá ser diferente se eles tomarem o controle (*Ceterum mihi in dies magis animus accenditur, cum considero quae conditio uitae futura sit, nisi nosmet ipsi uindicamus in libertatem*), critica o atual estado de coisas (*si res publica ualeret*) e a corrupção dos poderosos (*Itaque omnis gratia, potentia, honos, diuitiae apud illos sunt aut ubi illi uolunt*) e se coloca à disposição de todos, como chefe do grupo ou soldado (*uel imperatore uel milite me utimini*).

Como líder, exorta os companheiros a agirem depressa, em *quin igitur expergiscimini?* e também na

frase apontada como paródia daquela encontrada em Cícero (*Cat.1,8*)<sup>83</sup>, *quae quousque tandem patiemini, o fortissumi uiri?*

Esse primeiro discurso nos mostra, então, um Catilina determinado, audacioso e confiante em si, nos amigos, na oportunidade e na fraqueza da república; um líder conhecedor da situação e disposto a lutar pelos seus interesses, que também são os de muitos, além de um exímio orador, capaz de organizar de maneira sucinta e comovente tamanha fala.

Questiono, entretanto, a autenticidade do discurso, baseando-me em um trecho do próprio Salústio. Já no capítulo XX, imediatamente antes de citar Catilina, o historiador diz que o líder da conjuração leva todos para uma parte retirada da casa e ali, sem qualquer testemunha, profere o discurso (*in abditam partem aedium secedit atque ibi, omnibus arbitris procul amotis...*). Como essa revelação tão secreta teria chegado ao conhecimento de Salústio? Defendo que ele “forjou” o discurso baseado na documentação que tinha em mãos e naquilo que sabia sobre a conjuração.

A próxima fala de Catilina é a carta que Q. Lutácio Catulo<sup>84</sup> apresenta e lê no Senado, afirmando tê-la recebido de Catilina, conforme Salústio. A carta ocupa

---

<sup>83</sup> As fontes consultadas são unânimes nessa observação, embora considerem-na apenas uma hipótese bastante plausível, sobretudo porque os discursos de Cícero já haviam sido publicados quando da redação do *De coniuratione Catilinae*.

<sup>84</sup> Conforme Ernout, Q. Lutácio Catulo foi cônsul em 78 a.C., ao mesmo tempo em que o adversário M. Emílio Lépido; foi censor em 45 a.C. com M. Crasso; era representante do partido aristocrático e conservador, inimigo de Pompeu e César; quis comprometer o último denunciando-o (no capítulo XLIX do *De coniuratione Catilinae*, Salústio o afirma) como cúmplice de Catilina.

todo o capítulo XXXV e segue transcrita e traduzida na íntegra:

XXXV- (carta) "L. Catilina Q. Catulo. Egregia tua fides re cognita, grata mihi magnis in meis periculis, fiduciam commendationi meae tribuit. Quam ob rem defensionem in nouo consilio non statui parare, satisfactionem ex nulla conscientia de culpa proponere decreui, quam me dius fidius ueram licet cognoscas. Iniuriis contumeliisque concitatus, quod fructu laboris industriaeque meae priuatus statum dignitatis non obtinebam, publicam miserorum causam pro mea consuetudine suscepi; non qui aes alienum meis nominibus ex possessionibus soluere possem - et alienis nominibus liberalitas Orestillae suis filiaeque copiis persolueret - sed quod non dignos homines honore honestatos uidebam, meque falsa suspicione alienatum esse sentiebam. Hoc nomine satis honestas pro meo casu spes relicuae dignitatis conseruandae sum secutus. Plura cum scribe uellem, nuntiatum est uim mihi parari. Nunc Orestillam commendo tuaeque fidei trado; eam ab iniuria defendas, per liberos tuos rogatus. Haueto."

XXXV- L. Catilina a Q. Catulo. A tua notável fidelidade conhecida numa circunstância, a mim grata nos meus maiores perigos, deu-me confiança para a recomendação. Como não decidi preparar defesa no novo projeto, resolvi propor o reparo com a consciência livre de culpa, a qual, o deus da Boa Fé o atesta, saberás verdadeira. Impelido pelas injúrias e insultos, visto que privado do fruto do meu trabalho e esforço, não alcançava o status da minha dignidade, assumi a causa pública dos miseráveis, como é meu costume; não que eu não pudesse pagar minhas dívidas com meus bens - e as dívidas dos outros, a generosidade de Orestila quitaria com riquezas suas e da filha -, mas porque via homens que não eram dignos homenageados com honras, e me sentia prejudicado por falsa suspeita. Por esse motivo mantive a esperança, bastante honesta no meu caso, de conservar a dignidade restante. Queria escrever mais, entretanto foi anunciado estar preparada a força contra mim. Agora recomendo Orestila e a confio à tua fidelidade. Defende-a da injustiça, pelos teus filhos peço. Adeus.

No capítulo XXXIV, que antecede a transcrição da carta, Salústio diz que Catilina, já em viagem, escreve aos consulares e aos aristocratas explicando que se exilava em Marselha não porque fosse culpado, mas porque, acusado, sentia-se incapaz de resistir aos inimigos e não queria que sua luta provocasse uma sedição nem que o governo fosse perturbado. Afirma, ainda, que a carta apresentada por Q. Catulo era bastante diferente, embora este afirmasse ser ela autêntica.

Tal documento contém, portanto, a recomendação de Orestila (terceira esposa de Catilina) a Catulo, justificada pela fidelidade deste ao líder da conjuração. Catilina se mostra inocente (*ex nulla conscientia de culpa*) e agredido (*iniuriis contumeliisque concitatus*), o que o teria levado a assumir a causa dos miseráveis (*publicam miserorum causam*), da qual fará o eixo da conjuração.

Ele critica aqueles que recebem honras sem as merecer<sup>85</sup> e diz, ainda, que pretende conservar ao menos a dignidade (*dignitatis conseruandae*), por isso mantém a esperança.

Para SYME<sup>86</sup> a carta de Catilina parece ser autêntica (*exemplum*), mas, se não for, também não se parece com o discurso de Salústio, pelo menos por três motivos: a escolha vocabular (*satisfactionem, ex nulla conscientia de culpa proponere decreui*, por exemplo), a presença de arcaísmos, como *honore honestatos* e a despedida na forma

---

<sup>85</sup> Novamente para Ernout, trata-se de alusão evidente a Cícero, cônsul encarregado, Murena e Silano, cônsules designados, por serem os dois primeiros *homines noui* e o último um plebeu.

<sup>86</sup> SYME. *Op. cit.* p. 71-72

*haueto*. Afirma, ainda, que Salústio pode ter tido acesso aos discursos proferidos no Senado, embora não saibamos até que ponto teve a intenção de ser e foi fiel a eles.

A carta nos mostra, portanto, um Catilina preocupado com a proteção da esposa, agredido e ofendido pelo desenrolar dos acontecimentos, confiante, sempre, no amigo e na sua dignidade, supostamente garantida pela sua origem e riquezas. Nela vemos, então, o protagonista já bastante dissimulado, não apenas pelo tom da carta, mas, sobretudo, pelo seu conteúdo, inclusive pelo eufemismo com que Catilina designa a revolução que fomenta, tratando-a de *nouo consilio*<sup>87</sup>.

Por último, o emocionante discurso aos soldados já em campo de batalha, ciente da desvantagem e da provável derrota, no capítulo LVIII:

*LVIII- "Conpertum ego habeo, milites, uerba uirtutem non addere, neque ex ignauo strenuum, neque fortem ex timido exercitum oratione imperatoris fieri. Quanta cuiusque animo audacia natura aut moribus inest, tanta in bello patere solet. Quem neque gloria neque pericula excitant, nequiquam hortere; timor animi auribus officit. Sed ego uos quo pauca monerem aduocauit, simul uti causam mei consili aperirem.*

*Scitis equidem, milites, socordia atque ignauia Lentuli quantam ipsi nobisque cladem attulerit, quoque modo, dum ex urbe praesidia opperior, in Galliam proficisci nequiuerim. Nunc uero quo loco res nostrae sint iuxta mecum omnes intellegitis. Exercitus hostium duo, unus ab urbe, alter a Gallia obstant. Diutius in his locis esse, si maxime animus ferat, frumenti atque aliarum rerum egestas prohibet. Quocumque ire placet, ferro iter aperiendum est. Quapropter uos moneo uti forti atque parato animo sitis et, cum proelium inibitis, memineritis uos diuitias, decus, gloriam, praeterea libertatem atque patriam in dextris uostris portare. Si uincimus, omnia nobis tuta erunt; commeatus*

---

<sup>87</sup> Cf. Ernout, em nota à tradução do *De coniuratione Catilinae*.p.88

*abunde, municipia atque colonia patebunt. Si metu cesserimus, eadem illa aduersa fient, neque locus neque amicus quisquam teget quem arma non texerint. Praeterea, milites, non eadem nobis et illis necessitudo impendet: nos pro patria, pro libertate, pro uita certamus; illis superuacaneum est pugnare pro potentia paucorum. Quo audacius adgredimini, memores pristinae uirtutis. Licuit uobis cum summa turpitudine in exilio aetatem agere; potuistis nonnulli Romae, amissis bonis, alienas opes expectare. Quia illa foeda atque intoleranda uiris uidebantur, haec sequi decreuistis. Si haec relinquere uoltis, audacia opus est; nemo nisi uictor pace bellum mutauit. Nam in fuga salutem sperare, cum arma quibus corpus tegitur ab hostibus auorteris, ea uero dementia est. Semper in proelio eis maxumum est periculum qui maxume timent; audacia pro muro habetur.*

*Cum uos considero, milites, et cum facta uostra aestumo, magna me spes uictoriae tenet. Animus, aetas, uirtus uostra me hortantur, praeterea necessitudo, quae etiam timidos fortis facit. Nam multitudo hostium ne circumuenire queat prohibent angustiae loci. Quod si uirtuti uostrae fortuna inuiderit, caute inulti animam amittatis, neu capti potius sicuti pecora trucidemini quam uirorum more pugnantem cruentam atque luctuosam uictoriam hostibus relinquatis."*

LVIII- Estou certo, soldados, de que palavras não favorecem a coragem e que, pelo discurso do chefe, o exército, nem de indolente é feito corajoso, nem de tímido, bravo. Quanta audácia existe no espírito de alguém, pela natureza ou pelos costumes, tanta costuma ser evidente na guerra. Quem nem a glória nem os perigos excitam, em vão serão exortados; o temor do espírito bloqueia os ouvidos. Mas eu vos convoquei para vos aconselhar em poucas palavras, igualmente porque revelarei a causa de minha decisão.

Sabeis, certamente, soldados, quanto dano a estupidez e a indolência de Léntulo a nós e a ele próprio causaram, e de que modo, enquanto espero defesa da cidade, não pude partir para a Gália. Agora na verdade todos sabeis, tanto quanto eu, em que condição a realidade se apresenta para nós. Os dois exércitos dos inimigos, um da cidade, outro da Gália, resistem. Estar por muito tempo nesses lugares, ainda que o espírito muito suporte, a penúria de trigo e de outros víveres proíbe. Onde quer que se deseje ir, o caminho deve ser aberto com ferro. É por isso que vos aconselho a que o espírito esteja forte e preparado e, quando começardes a luta, vós lembrareis que carregais em vossas mãos as



riquezas, a honra, a glória, além da liberdade e da pátria. Se vencermos, todas as coisas serão para nós; provisões em abundância, municípios e colônias se abrirão. Se pelo medo tivermos hesitado, as mesmas coisas se tornarão adversas, e nem lugar nem amigo algum acolherá a quem as armas não tiverem protegido. Além disso, soldados, não é a mesma necessidade que impele a nós e a eles: nós, pela pátria, pela liberdade, pela vida lutamos; a eles é inútil lutar pelo poder de poucos. Por isso atacai com muita audácia, lembrados da antiga coragem. A vós foi permitido envelhecer no exílio com grande vergonha; alguns poderíeis, levados os bens, esperar ajuda alheia de Roma. Porque essas coisas pareciam vergonhosas e intoleráveis a homens distintos, desististes de segui-las. Se estas coisas desejais deixar para trás, é preciso audácia; ninguém, a menos que vitorioso, trocou a guerra pela paz. De fato, esperar salvação na fuga, quando se tiver desviado dos inimigos as armas com as quais o corpo é protegido, isso na verdade é loucura. Sempre na luta maior é o perigo para aquele que mais teme; a audácia é tida como uma defesa.

Quando vos considero, soldados, e quando penso em vossos atos, uma grande esperança de vitória me invade. O espírito, a idade, a vossa coragem me excitam, além da necessidade, a qual também faz fortes os tímidos. De fato, a multidão dos inimigos não poderá nos cercar: os desfiladeiros do local o proíbem. Porque se a fortuna invejar vossa coragem, cuidai para que não percais a vida sem vingança, e nem, capturados, antes sejais trucidados como bois, mas, combatendo, deixai aos inimigos uma vitória de homens: sangrenta e pesarosa.

A beleza e emoção do último discurso de Catilina a seus soldados, já em campo de batalha, próximo de seu próprio fim, são dignas de um grande chefe e orador.

A dois capítulos da morte do protagonista, Salústio o faz discursar, num tom de despedida ou desfecho da narrativa, com coragem e determinação, de modo a convencer e servir de exemplo, posto que nunca abandona o exército.

Aqui, como no capítulo XX, Catilina apela para a *uirtus* e a *fides* de seus soldados e enfatiza a importância de combaterem a *potentia paucorum*<sup>88</sup>.

Cercado pelos exércitos de Antônio e Metelo, Catilina decide lutar, ciente, entretanto, da desvantagem numérica e da falta de provisões. Sem esmorecer, instiga os soldados a combaterem com coragem, enfatizando as recompensas (e a esperança) da vitória, contra as conseqüências do medo da derrota.

Catilina não esconde dos soldados a realidade da situação em que se encontram (*nunc uero quo loco res nostrae sint iuxta mecum omnes intellegitis*) nem a dificuldade da vitória (*quocumque ire placet, ferro iter aperiundum est*). É notável, portanto, sua honestidade com os companheiros.

A fala é de um verdadeiro líder, vazada numa linguagem precisa, clara e objetiva, repleta de frases proverbiais, de efeito moral, como, por exemplo, *semper in proelio eis maxumum est periculum qui maxume timent* ou, *audacia pro muro habetur*.

Além de constituírem um ponto marcante no estilo de Salústio, os discursos, ainda que forjados ou de autenticidade questionável, revelam traços da personagem que os assume e interrompem a monotonia da narrativa histórica para torná-la semelhante ao drama.

Assim, temos um protagonista que assume a narrativa, com as devidas restrições, para mostrá-la a partir de seu próprio ponto de vista, ainda que sujeito ao do historiador.

---

<sup>88</sup> SYME. *Op.cit.* p.68

## 2.5 O retrato enfim

Retomo a primeira epígrafe, que bem sintetiza a personalidade de Catilina: "*Nullum magnum ingenium sine mixtura dementiae fuit*". Salústio constrói um retrato a partir da mistura de genialidade e loucura, reflexo do contraste que o historiador via entre o passado glorioso e o presente arruinado da sociedade romana.

A caracterização do protagonista se dá de maneira fragmentária ao longo da obra. É a partir da análise da narrativa como um todo, bem como de sua inserção no contexto da crise republicana, que podemos depreender esse Catilina paradigma de uma época.

Concordo com PONTIGGIA, para quem "Catilina é, ao mesmo tempo, um herói e um delinqüente, possui vícios e virtudes, é um personagem controverso, obscuro, genial, violento"<sup>89</sup>. Esses traços tornam-se visíveis à medida que Salústio constrói o personagem, expondo aspectos ora positivos ora negativos, sem qualquer delimitação espacial entre eles. Catilina é sempre fruto da mistura, do contraste.

O historiador não evita as atrocidades, os crimes, a demência e corrupção de Catilina, mas acaba delineando um herói, posto que "sublinha, durante todo o curso da obra, a grandiosidade de suas escolhas, a força moral no sustentá-las até ao extremo, a pureza da sua morte valorosa"<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> PONTIGGIA. *Op.cit.* p.XI

<sup>90</sup> *Idem. ibidem.* p.XI

Os trechos que melhor ilustram essas virtudes estão nos últimos capítulos da obra e tratam da luta e morte do protagonista:

*LX- (...) Interea Catilina cum expeditis in prima acie uersari, laborantibus succurrere, integros pro sauciis arcessere, omnia prouidere, multum ipse pugnare, saepe hostem ferire; strenui militis et boni imperatoris officia simul exsequebatur. Petreius, ubi uidet Catilinam contra ac ratus erat magna ui tendere, cohortem praetoriam in medios hostis inducit, eosque perturbatos atque alios alibi resistentis interficit; deinde utrimque ex lateribus ceteros adgreditur. Manlius et Faesulanus in primis pugnantes cadunt. Catilina postquam fusas copias seque cum paucis relicuom uidet, memor generis atque pristinae suae dignitatis, in confertissimos hostis incurrit ibique pugnans confoditur.*

LX- Enquanto Catilina, com a infantaria ligeira, faz avançar a linha de frente, socorre os que sofrem, chama sadios para o lugar dos feridos, vela por todas as coisas, ele mesmo luta muito, freqüentemente fere o inimigo; executa ao mesmo tempo os ofícios de soldado valoroso e bom general. Petreio, quando vê, contrário mesmo ao que tinha imaginado, que Catilina avança com grande força, introduz a coorte do general no meio do inimigo, mata os perturbados e outros resistentes em outros lugares; depois marcha contra os outros, a partir dos flancos de uma parte e de outra. Mânlio e o de Fésula logo caem combatendo. Catilina, depois que vê as tropas difusas e consigo um pequeno número restante, digno do seu nascimento e da sua honra anterior, avança contra o inimigo cerradíssimo e ali é trespassado combatendo.

*LXI- (...) Catilina uero longe a suis inter hostium cadauera repertus est, paululum etiam spirans ferociamque animi, quam habuerat uiuos, in uultu retinens.*

LXI- (...) Catilina, porém, foi encontrado longe dos seus, entre os cadáveres dos inimigos, respirando ainda um pouco, conservando no rosto a violência do espírito que tivera em vida.

Os verbos empregados na descrição dos atos de Catilina em campo de batalha revelam o líder atento a tudo e a todos, o bravo e incansável soldado. Salústio retoma, mais uma vez, a origem nobre de Catilina bem como sua antiga dignidade para mostrá-lo corajoso o suficiente para enfrentar a morte.

No último capítulo, Catilina é encontrado entre os inimigos, quase morto, preservando ainda sua fisionomia heróica. A obra se encerra, então, com a morte gloriosa de Catilina, que, à maneira do herói épico ou trágico, não abandona a luta nem evita o destino.

Essa imagem final se mistura aos seus discursos e à coragem que demonstrou ao longo da narrativa, para constituir a face heróica de Catilina. Se tomarmos apenas tais aspectos, deparamo-nos com um revolucionário apaixonado pela causa, disposto a enfrentar tudo e todos para atingir seus objetivos. Mas, a face vil do protagonista transforma-o em anti-herói, pois ele direciona sua força para uma empresa egoísta, perversa e ilegal.

Retomo PONTIGGIA, que soube definir o protagonista salustiano de modo sucinto e completo: "Catilina é o perfeito paradigma de uma época escandalosa, na qual se perdeu qualquer distinção entre bem e mal, na qual a virtude se mescla ao vício"<sup>91</sup>. Assim, a culpabilidade de Catilina é atribuída, em parte, ao meio no qual se achava inserido.

Se Catilina realmente comandou ou fomentou as rebeliões em Roma e por toda a Itália, podemos enxergá-

---

<sup>91</sup> *Idem. ibidem*. p. XI.

lo, ainda, como uma liderança carismática e poderosa, pelo modo como organizou e conduziu tamanha empresa. Não fossem os planos revelados por Fúlvia e a conspiração teria tido êxito? Nunca saberemos. Mas, se foi essa a única falha, o movimento era, então, extremamente organizado, o que enfatiza o engajamento dos conjurados na sua causa.

As características de Catilina aproximam-no de um tipo de pessoa que Salústio acreditava encontrar com frequência entre os descendentes de Sila, por ser inescrupuloso, egoísta e insaciável, conforme KENNEY e CLAUSEN<sup>92</sup>. Os autores destacam três traços no retrato: valorosa resolução, agressividade com inclinação à megalomania e aceitação de valores pervertidos. Para eles, ainda, a descrição de Catilina apóia-se no jogo antitético constituído, por exemplo, a partir da oposição entre capacidade física e mental e depravação de caráter, avareza e desperdício, eloquência e falta de sentido<sup>93</sup>.

Também aqui o protagonista de Salústio surge como o perfeito representante de uma época contraditória em si, marcada por conflitos econômicos, sociais e políticos em todos os setores de uma sociedade arruinada e ciente de seu antigo valor.

Não é novidade que Salústio acreditava no poder que a História teria ao fornecer exemplos a serem imitados ou evitados. Para POLÍBIO, Salústio retoma, de modo interessante, o tema da história “mestra de vida”, aproximando a função desta à dos retratos dos ancestrais

---

<sup>92</sup> KENNEY y CLAUSEN. *Op.cit.* p.311

<sup>93</sup> *Idem, ibidem.* p.311

levados por ocasião dos funerais de grandes personalidades<sup>94</sup>. Catilina seria, então, o produto da crise republicana, um exemplo a ser evitado pelas gerações futuras.

Para Erich AUERBACH, os historiadores antigos (e aqui ele cita Salústio e Tácito) priorizavam assuntos que mostrassem um elevado grau de corrupção dos costumes, contrastando-os com um ideal de primordial simplicidade, pureza e virtude<sup>95</sup>. Catilina pode, portanto, ser visto como a personificação desse contraste, como o personagem que apresenta os traços do passado em constante conflito com aqueles adquiridos a partir das circunstâncias presentes.

É importante esclarecer, na presente análise, que, apesar de retratado como um paradoxo da sociedade de sua época, Catilina nunca é inocentado da sua culpa no contexto da decadência da República. Seus contemporâneos foram unânimes ao acusá-lo. Concetto MARCHESI ressalta que, em todos os testemunhos antigos, Catilina aparece como o grande criminoso, responsável e capaz dos piores atos, o maldito de todos, inclusive é aquele que representa sozinho todos os males citadinos em Virgílio<sup>96</sup>.

No retrato salustiano, entretanto, sentimo-nos diante de um homem comum, governado pela ambição, movido pela coragem, detido pelo poder dominante.

---

<sup>94</sup> POLÍBIO (6,53-54) *In*: HARTOG, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG. 2001.p.171

<sup>95</sup> AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva. 2002.p.48-49

<sup>96</sup> MARCHESI, Concetto. *Storia della letteratura latina*. Vol.primo.8ed. Milano: Casa Editrice Giuseppe Principato.p.363

#### 4. CONCLUSÃO

O questionamento colocado na introdução sobre a tarefa de retratar uma pessoa, eu o retomo agora, posto que acredito estar em condições de respondê-lo.

Assim, quanto ao primeiro item, sobre manter-se imparcial, creio que o fotógrafo ou o pintor possam consegui-lo, à custa de muito esforço, mas, o escritor, ao se apoderar do retratado, apresenta-o como produto de uma reflexão, sempre sujeito aos seus interesses e objetivos na obra.

Quanto a priorizar qualidades ou defeitos, vícios ou virtudes, aqui deparamo-nos com um Salústio original, que soube coligir méritos e misérias numa construção sem par, revelando-nos um Catilina paradoxal, um misto de herói e vilão, diferente das demais imagens do conjurado que seu tempo nos legou.

Não tenho conhecimento suficiente sobre a audiência de Salústio nem sobre a reputação deste como historiador à época, para tirar conclusões sobre sua intenção de moldar a descrição ao gosto dos leitores. Em todo caso, acho mais provável que a estrutura da monografia salustiana atenda a esse quesito, com as digressões sobre o passado, os discursos vívidos e as inúmeras caracterizações, do que o conteúdo do retrato em si.

Acredito que Salústio selecionou aspectos da vida particular e pública de Catilina suficientes para a construção do retrato e acrescentou aí os traços da



personalidade, também dosados de forma a apresentá-lo com sua força e fraqueza.

Procurei construir o primeiro capítulo de modo a delinear as condições nas e das quais surgiram tanto a conjuração quanto a obra em si. Assim, o contexto inclui dados sobre o autor, o tema, a literatura em Roma, a história e a política. Destaco aqui, a importância de Salústio como o historiador que inaugurou a monografia histórica em Roma, a forma pela qual abordou o tema da conjuração, mostrando-a de um ponto de vista não ciceroniano, os eventos da década de 60 a.C. não apenas em Roma, mas por toda a Itália, onde os conflitos por terras e direitos foram (talvez) associados aos interesses da conspiração, e a corrupta política romana, centro das constantes disputas entre nobres e plebeus.

No segundo capítulo procurei delinear Catilina a partir da história, de seus contemporâneos, da visão salustiana, inclusive pelos discursos que o autor atribui ao protagonista. Aqui, a história revelou-nos a visão dos vencedores, ou seja, um Catilina culpado, criminoso, vilão. O ponto de vista dos contemporâneos não é diferente, posto que foram eles os vitoriosos que nos deixaram os principais relatos. Salústio foi o único a conferir uma certa nobreza a Catilina, retratando-o com culpa e glória, desvelando-nos o herói subjacente ao vilão, a virtude transmutada em ambição. O retrato de Catilina é, enfim, o retrato da sociedade romana do século I a.C.

O presente assunto, entretanto, não me parece esgotado. Pretendo que o estudo da memória em Salústio

possa esclarecer o ponto de vista adotado pelo historiador romano ao narrar os eventos do ano 63 a.C. Assim, a teoria da *Nouvelle histoire* pode fornecer os elementos necessários à releitura de Salústio, que, já no século I a.C. conferia à memória papel de destaque em seu texto, que soube e pôde assumir o ponto de vista dos vencidos em seus relatos.

Espero poder retomar a proposta em uma pesquisa futura, que fugiria ao escopo do presente trabalho, sobretudo, pela amplitude do tema.

## 5. BIBLIOGRAFIA

- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. 4ed. São Paulo: Perspectiva. 2002
- BATSTONE, William W. Quantum ingenio possum. *In: the classical journal*. vol83/nº4. April/May 1988.
- \_\_\_\_\_, The antithesis of Virtue: Sallust's *Synkrisis* and the crisis of the late republic. *In: classical antiquity*. vol7/nº1. April 1988.
- BAYET, Jean. *Litterature latine*. Paris: Armand Colin.
- BENARIO, Herbert W. The end of Sallustius Crispus. *In: the Classical journal*. Vol.57. 1961-1962.
- BOLAFFI, E. La conception de l'Empire dans Salluste et dans Horace. *In: Latomus. Revue d'études latines*. Tome3. 1939.
- BORNECQUE, H. *Les Catilinaires de Cicéron*. Paris: Melloté. 1936.
- CANFORA, Luciano. *Júlio César o ditador democrático*. Trad. Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade. 2002.
- CHIAPPETTA, Angélica. "Não diferem o historiador e o poeta..." o texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. *In: Língua e literatura*. n.22, São Paulo: Departamento de Letras da USP. 1996.p.15-34.
- CHOUET, M. *Les letters de Salluste à Cesar*. Paris: Les Belles Lettres. 1950.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Da república*. Trad. Amador Cisneiros 5ed. Rio de Janeiro: Ediouro.
- \_\_\_\_\_, *Manual do candidato às eleições, carta do bom administrador público, pensamentos políticos selecionados*. Ed. Bilíngüe. Tradução, introdução e

- notas de Ricardo da Cunha Lima. São Paulo: Nova Alexandria. 2000.
- CICÉRON. *Discours*. Tome X. Catilinaires. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Édouard Bailly. Paris: Les Belles Lettres. 1926.
- DALPIAN, Laurindo. *As monografias de Salústio à luz da teoria historiográfica de Cícero*. Tese de Doutorado São Paulo: USP. 1994.
- DUFF, J. Wight. *A literary history of Rome - from the origins to the close of the golden age*. Edited by A. M. Duff. London: Ernest Benn Limited. 1960.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Doxa e Episteme: a construção discursiva na narrativa histórica*. In LPH: Revista de História. Vol.3 n.1. Depto de História/UFOP. 1992.
- \_\_\_\_\_, *Antigüidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. 2ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- \_\_\_\_\_, *Grécia e Roma (vida pública e vida privada, cultura, pensamento e mitologia, amor e sexualidade)*. 2ed. São Paulo: contexto. 2002.
- GARRISON, Daniel H. The events of December 4, 63 b.C. and Sallust Cat.50.3-4. In: *The classical Journal*. V.57. 1961-1962.
- GOETTEMS, Míriam Barcellos. Considerações preliminares Sobre o jogo antitético na historiografia de Salústio. In: *Revista Clássica*. Suplemento 2. Araraquara: SBEC. 1993
- GRANT, Michael. *História resumida da civilização clássica Grécia e Roma*. Trad. Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1994.
- GUILLEMIN, A. *Le public et la vie littéraire a Rome au*

- temps de la république*. In: Revue des études latines. Paris: Les Belles Lettres. 1934.
- HARTOG, François (org.). *A história de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: editora UFMG. 2001.
- INGLEBERT, Hervé. "L'histoire de Rome" dans l'antiquité tardive: un concept équivoque. In: *Latomus*, Revue d'études latines. Tome 55, fasc. 3 Juil/Sept 1996. Belgique.
- KENNEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. (eds). *Historia de la literatura clásica*. (Cambridge University). Vol II - literatura latina. Trad. Elena Bombín. Madrid: editorial Gredos.
- LEWIS, R.G. *Catilina and the vestal*. In: The classical quarterly. Vol 51 number1. Oxford University Press. 2001.
- LOUTSCH, Claude. *L'exorde dit ex abrupto de la première catilinaire de Cicéron*. In: Revue des études latines. Tome 68. Paris: Les Belles Lettres. 1991.
- MARCHESE, Concetto. *Storia della letteratura latina*. Vol. Primo. 8ed. Milano: Casa editrice Giuseppe Principato.
- MELLOR, Ronald. *The roman historians*. New York: Routledge. 1999.
- NICOLET, Cl. *Amicissimi Catilinae*. In: *Revue des études Latines*. Tome L. 1972.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PERROCHAT, P. Les digressions de Salluste. In: *Revue des études latines*. Tome XXVIII. 1950.
- \_\_\_\_\_, *Études e mémoires*. In: *Revue des études*

- latines*. Tome XXV. 1947.
- RAMBAUD. Les prologues de Salluste et la démonstration morale dans son oeuvre. *In: Revue des études latines*. Tome XXIV. Paris: Les Belles Lettres. 1947.
- ROJO, M. Estela Assis de (compiladora). *Biografía y sociedad en la Roma antigua*. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán. 2000.p.115-128.
- ROSTAGNI, Augusto. *La letteratura di Roma repubblicana ed Augustea*. Vol. XXIV. Bologna: Licino Cappelli Editore. 1949.
- SALENGUE, Jacyára Ribeiro. *Salústio: historiador e artista - o Bellum Jugurthinum*. *In: Calíope* Jan/Jun 1986. Ano III, nº 4. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SALLUSTE. *Catilina, Jugurtha, Fragments des histories*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 12 ed. Paris: Les Belles Lettres. 1980
- SALLUSTIO. *La congiura di Catilina*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore. 1992.
- SALUSTIO. *Conjuración de Catilina*. Edición, prólogo y notas de Jose Manuel Pabon. 2ed. Madrid: Instituto "Antonio de Nebrija". 1945.
- SALÚSTIO. *A conjuração de Catilina e a Guerra de Jugurta*. Introd. e trad. Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes. 1990.
- SARAIVA, S.R. dos Santos. *Dicionário latino-português*. 11ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier. 2000.
- SOUBIRAN, J. Une analyse du style historique. *In: Revue des études latines*. Tome XLVIII. 1970.
- STEWART, Roberta. *Catilina and the crisis of 63-60 B.C.:*

- the Italian perspective*. In: *Latomus, Revue d'études latines*. Tome 54, fasc. 1 Jan/Mars 1995. Bélgica.
- STONE, A. M. A house of notoriety: an episode in the campaign for the consulate in 64 B.C. In: *The Classical Quarterly*. Vol XLVIII, n° 2. Oxford University Press. 1998.
- SYME, Ronald. *Sallust*. California: University of California Press. 1962. p.16-137.
- TANNUS, C.A. *Kalil et alii*. Literatura latina e realidade histórica. In: *Calíope*. Rio de Janeiro: UFRJ. Jan/Jun ano III n°4. 1986.
- THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY. Oxford, Clarendon Press, 1953.
- TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.
- WALTER, Allen Jr. Catulus XLIX and Sallust's Bellum Catilinae. In: *The Classical Journal*. v.32. 1936-1937.
- WILDE, Oscar. *The picture of Dorian Gray*. London: Penguin Books. 1994.

SILVEIRA, Laura Ribeiro. *O retrato de Catilina em Salústio*.  
Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Letras. 2003.81f.

#### RESUMO

A presente dissertação tem por objeto Lúcio Sérgio Catilina, personagem da história romana do século I a.C., período marcado pela crise republicana. Minha proposta é mostrar o protagonista do *De coniuratione Catilinae*, de Gaio Salústio Grispo, como um revolucionário capaz, corrompido por seu caráter, pelo sistema e pela ambição desmesurada, derrotado por um cônsul enérgico e influente, Marco Túlio Cícero. A construção desse retrato de Catilina é possível a partir de uma contextualização histórica, política, social e literária, tanto da personagem quanto da conjuração em si.



SILVEIRA, Laura Ribeiro. *A Portrait of Sallust's Catiline*.  
Master Dissertation. Federal University of Rio de  
Janeiro. Liberal Arts College. 2003. 81f.

#### ABSTRACT

The object of the present dissertation is *Lucius Sergius Catilina*, a character of the Roman history who lived in the first century b.C., during the great republican crisis. My proposal is to show the protagonist of the *De coniuratione Catilinae*, of *Gaius Salustius Crispus*, as a capable revolutionary, corrupted by his own character, the system and his uncontrolled ambition, defeated by the influent and energetic consul, *Marcus Tullius Cicero*. The construction of Catilina's portrait is based on the historical, political, social and literary contextualization of the character as well as of the conspiracy itself.